



Instituto Politécnico de Santarém
Escola Superior de Educação de Santarém
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Manifestações de comportamentos agressivos em idade pré-escolar

Inês Margarida Bengala Calha

Santarém, março, 2016



Instituto Politécnico de Santarém

Escola Superior de Educação de Santarém

Mestrado em Educação Pré-Escolar

**UC - Unidade curricular de prática pedagógica em Educação de
Infância - Jardim de Infância**

AT - Psicologia

**Manifestações de comportamentos agressivos em idade pré-
escolar.**

**Relatório de Estágio apresentado para obtenção do grau de Mestre na
Especialidade Profissional de Educação Pré-Escolar.**

Autora: Inês Margarida Bengala Calha

Orientador: Sónia Seixas

Santarém, março, 2016

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta tarefa para finalizar mais esta etapa da minha formação académica, não teria sido possível sem a colaboração e o incentivo daqueles que me privilegiam com a sua amizade e respeito. Sei que toda a amizade e toda a dedicação e incentivo não se reduzem às poucas linhas que lhes dedico, contudo, gostaria de salientar:

- A Professora Doutora Sónia Seixas, minha orientadora, pela disponibilidade, pelas opiniões, colaboração no solucionar de dúvidas e problemas que foram surgindo ao longo da realização deste trabalho e pela competente orientação dispensada ao mesmo.

- As colegas de Mestrado, Sofia, Vanessa e Andreia pelo apoio e estímulo nos momentos mais difíceis, sobretudo quando o desânimo se instalava. Obrigado!

- As minhas amigas Ema, Carina e Marisa, pelas palavras de consolo em momentos de desânimo, por todo apoio que me deram e, principalmente, pela vossa amizade. Obrigado!

- Os meus pais, que sempre acreditaram na conclusão desta tarefa e, por isso, em “mim”, principalmente a minha mãe que sempre me apoiou e animou nos momentos de desânimo. Muito obrigada!

- O meu irmão, por todo o apoio e força que me prestaste ao longo do decorrer do Mestrado e, acima de tudo, pelo ânimo que me transmitiste nos momentos de desânimo. Obrigada!

- O Bruno, pelo amor, pela paciência, pela força e pelo entusiasmo que sempre me transmitiste. Obrigada!

- Os meus avós por todo o apoio e amor que me transmitiram, que sem vocês nada seria possível. Obrigada!

- As educadoras que deram o seu contributo neste trabalho. Obrigada!

A todos o meu sincero OBRIGADO!

Resumo

Nos últimos anos, tem-se vindo a verificar um interesse público nas questões relativas à agressividade das crianças na escola, quer nos recreios, quer nos espaços de desenvolvimento das crianças, que representam uma parte importante do dia escolar. Assim, torna-se urgente dedicar mais atenção ao que ocorre entre as crianças nestes mesmos espaços.

Este tema tem gerado muitos estudos em termos do 1ºCiclo, mas pouco se tem vindo a estudar acerca do que ocorre em contexto pré-escolar. Este estudo tem como objetivos, verificar o que se entende por agressividade em crianças em idade pré-escolar e quais os fatores que estão na sua origem. Tem também como objetivo verificar qual a forma mais adequada de o educador agir para atenuar e evitar os comportamentos agressivos das crianças, em idade pré-escolar.

Para a recolha de dados, foram realizadas entrevistas a educadoras. Uma primeira entrevista foi realizada à educadora cooperante do meu estágio em contexto de pré-escolar, de onde surgiu a questão problema que deu origem a este estudo, portanto foi realizada no distrito de Santarém. As restantes entrevistas foram realizadas a educadoras residentes no meu distrito, Portalegre.

O estudo foi realizado com uma amostra de cinco educadoras, com idades compreendidas entre os 41 e os 59 anos, onde duas exercem no ensino de rede privada e as restantes na rede de ensino público.

Considerando os resultados obtidos, posso considerar que a agressividade em idade pré-escolar é um ato inocente, que a criança pratica como forma de reação a um estímulo ou como chamada de atenção, para algo que não está bem com ela.

Concluí ainda que não existem estratégias pré-estabelecidas que o educador aplique para atenuar e prevenir o aparecimento de comportamentos agressivos. São os educadores que concebem as suas próprias estratégias, que consideram mais eficazes para prevenir e atenuar esses comportamentos.

Neste trabalho procurei investigar sobre qual a conceção que as educadoras tem sobre agressividade em crianças e quais as estratégias que concebem para atenuar e evitar esses comportamentos agressivos.

Palavras-chave: Agressividade, Crianças, Estratégias, Comportamentos agressivos, Educador.

Abstract

In recent years, there has been observed a public interest in issues related to the aggressiveness of children in school or during recess or in children's development areas, which represent an important part of the school day, it is urgent to devote more attention to what occurs among children in these same spaces.

This topic has generated many studies in terms of the 1st Cycle, but little has been studying about what occurs in pre-school context. This study aims, check out what is meant by aggression in children of preschool age and what factors are behind it. It also has as objective to verify the most appropriate form of the educator act to mitigate and prevent aggressive behavior of children in preschool age.

For data collection, the educator's interviews were conducted. The first interview was conducted the cooperative educator of my stage in pre-school context, where the question arose problem that gave rise to this study, therefore, was held in the district of Santarém. The remaining interviews were conducted to educator's residents in my district, Portalegre.

The study was conducted with a sample of five teachers, aged 41 and 59, where two engaged in private schools and the remainder in the public school system.

Considering these results, I can consider that aggression in preschool is an innocent act that the child practice how to form reaction to a stimulus or as a reminder of something is not right with her.

Still concluded that there are no pre-established strategies that educators apply to mitigate and prevent the onset of aggressive behavior. Are educators who design their own strategies, which they consider more effective to prevent and mitigate these behaviors.

This study sought to investigate on which the design that educator have on aggression in children and what strategies they were preparing to mitigate and prevent these aggressive behaviors.

Keywords: Aggression, Children, Strategies, aggressiveness, Educator.

Índice

Introdução	1
1 – Caracterização dos contextos de estágio	3
1.1 - Caracterização do contexto de estágio em creche	3
1.1.1 - Caracterização da instituição	3
1.1.2 - Projeto educativo	4
1.1.3 - Grupo de crianças	5
1.1.4 - Ambiente educativo e projeto curricular do grupo.....	6
1.1.5 - Projeto de estágio	7
1.2 - Caracterização do contexto de estágio em jardim de infância	14
1.2.1 - Caracterização da instituição	14
1.2.2 - Projeto educativo	15
1.2.3 - Grupo de crianças	16
1.2.4 - Ambiente educativo e projeto curricular do grupo.....	17
1.2.5 - Projeto de estágio	18
2 – Auto avaliação do percurso de aprendizagem.....	25
3 – Pesquisa	32
3.1 – Revisão de literatura	32
3.2 - Objetivos/questões orientadoras.....	35
3.3 - Opções metodológicas para recolha e análise de dados	36
3.3.1 – Tipo de investigação.....	36
3.3.2 – Instrumentos de investigação	36
3.3.3 – Procedimento	37
3.4 - Caracterização contexto/ amostra estudada.....	38
3.5- Apresentação e análise dos dados	39
3.5 - Reflexão final.....	43
4 – Considerações Finais	45
5 - Bibliografia	48
6- Anexos.....	50
Anexo I – Estrutura do Guião de Entrevista	50
Anexo II – Guião das entrevistas	52
Anexo III – Transcrição da entrevista à Educadora A	54
Anexo IV – Transcrição da entrevista à Educadora B	64
Anexo V – Transcrição da entrevista à Educadora C.....	68
Anexo VI – Transcrição da entrevista à Educadora D.....	72

Anexo VII – Transcrição da entrevista à Educadora E	76
Anexo VIII – Quadro 1 - Análise dos dados da amostra.....	82
Anexo IX – Quadro 2 (Bloco 2) Caracterização sobre agressividade e comportamentos agressivos	83
Anexo X – Quadro 3 – (Bloco 3) Estratégias que o educador concebe para evitar e atenuar os comportamentos agressivos das crianças.....	85

Introdução

Nos últimos anos, tem-se vindo a verificar um grande interesse nas questões relacionadas com a agressividade entre crianças, em idade pré-escolar, embora se verifiquem mais estudos centrados na agressividade das crianças no 1º Ciclo.

Partindo das visões de alguns autores sobre agressividade infantil, decidi realizar a minha investigação sobre este tema. Embora o tema da agressividade já me despertasse algum interesse, depois de viver algumas situações em contexto de estágio e de leituras realizadas neste âmbito, ainda reforçaram mais o meu interesse em aprofundar o conhecimento sobre este tema. O meu foco centra-se principalmente, em saber como o educador age perante situações de agressividade, que estratégias o educador usa para que a criança supere as situações sem demonstrar comportamentos agressivos, se o castigo é a melhor solução de atenuar esses comportamentos e qual a melhor forma de lidar com as crianças ditas agressivas. Pretendo centrar-me mais no papel do educador porque considero que não existe uma forma única de lidar com as várias situações de agressividade. O educador deve adequar a sua intervenção tendo em conta a origem dos comportamentos agressivos das crianças, tentando perceber porque é que a criança teve determinado comportamento.

Durante as leituras que realizei deparei-me com a perspetiva de um autor que me despertou algum interesse. Cordeiro (2007), refere que nenhuns pais gostam que os seus filhos sejam pessoas inertes, que deixam fazer delas “gato-sapato”, que sejam vítimas de injustiças e que não sejam capazes de lutar pelas suas necessidades básicas. Por isso afirma ... *o que pode evitar esse descalabro é a existência de agressividade, (Cordeiro, 2007, p. 52)*. Perante esta afirmação de Cordeiro interroguei-me se a agressividade tem de ser vista sempre como um comportamento negativo, ou se em determinadas situações pode ser vista como uma reação positiva a uma dificuldade.

O meu estudo será centrado, essencialmente, no papel do educador, como é que o educador age perante situações de agressividade, ou seja, interpretar as estratégias que os educadores concebem para superar os comportamentos agressivos das crianças e para lidar com as crianças agressivas. Terá como objetivos, clarificar o que os educadores entendem por comportamentos agressivos e em que situações estes emergem e identificar que estratégias o educador concebe e implementa face à manifestação de comportamentos agressivos por parte das crianças.

Este trabalho compreenderá seis partes, estruturadas da seguinte forma:

Na primeira parte, **Caraterização dos contextos de estágios**, onde serão feitas referências aos estágios realizados em contexto de Creche e Jardim de Infância, onde serão caraterizadas as instituições, turmas, projetos educativos e projetos de estágio, bem como algumas atividades realizadas.

Na segunda parte apresentarei uma **Auto avaliação do percurso de aprendizagem** onde será apresentada uma reflexão do meu percurso de aprendizagem após a realização dos estágios em contexto de Creche e Jardim de Infância, onde especifico as dificuldades sentidas e como as superei.

Na terceira parte diz respeito à questão de **Pesquisa**, “Manifestações de comportamentos agressivos em idade pré-escolar”. Serão realizadas entrevistas a cinco educadoras, que ficarão em anexo.

Na quarta parte deste trabalho, nas **Considerações Finais**, serão comparadas as várias opiniões sobre os comportamentos agressivos em idade pré-escolar e como atuar de modo a atenuar esses comportamentos e prevenir a sua ocorrência. No final serão apresentadas as **Referências Bibliográficas**.

1 – Caraterização dos contextos de estágio

1.1 - Caraterização do contexto de estágio em creche

1.1.1 - Caraterização da instituição

A instituição localiza-se na localidade de Vale de Santarém. Encontra-se integrada num complexo agrário vocacionado para a investigação pecuária. Está integrada no ambiente natural, onde a natureza viva, a paisagem natural e os animais nos seus habitats são uma realidade constante.

Esta instituição carateriza-se por ser uma instituição particular de solidariedade social que está direcionada para a educação, formação e bem-estar de cerca de 170 crianças que acolhe diariamente.

A instituição contém de duas entradas, uma a norte do estabelecimento e outra a sul. A entrada sul dispõe de um porteiro, em horário diurno, a entrada norte dispõe de uma cancela automática, que abre apenas na presença de um cartão, que só encarregados de educação dispõem. Este cartão também permite abrir a porta automática do Jardim de Infância (normas de segurança).

Esta instituição é composta por três valências: creche, Jardim de Infância e C.A.T.L. Frequentam a creche e o Jardim de Infância crianças com idades compreendidas entre os 4 meses e os 6 anos de idade, sendo que algumas têm necessidades educativas especiais. Para além destas idades, o C.A.T.L. é frequentado por crianças dos 6 até aos 12 anos.

As crianças com necessidades educativas especiais são devidamente acompanhadas por pessoal credenciado e especializado na intervenção precoce, para poderem acompanhar melhor a integração das crianças no ensino corrente.

Quanto ao funcionamento pedagógico desta instituição, a equipa de trabalho é constituída por 8 educadoras de infância, incluindo a coordenadora pedagógica, 11 auxiliares de ação educativa, pais/família e outros intervenientes necessários.

No que respeita ao horário de funcionamento, a instituição encontra-se aberta das 8:00h às 19:00h, sendo que, a porta encontra-se fechada a partir das 10:00h (após o acolhimento e receção das crianças) e reabre às 16.30h para a entrega das mesmas.

1.1.2 - Projeto educativo

O projeto educativo da instituição tem por base a saúde e o Bem-estar das crianças. Tem como prioridades: adquirir conhecimentos que permitam compreender as limitações da criança, saber a que ritmo se desenvolve, como evoluem os seus órgãos sensoriais, como vai descobrindo o mundo, o que se pode fazer para a ajudar nessa descoberta e fazer com que se sinta segura.

O projeto educativo, tendo por base a saúde e o Bem-Estar, visa:

- Conhecer a importância dos cuidados a ter com a saúde, a segurança pessoal e a segurança dos outros;
- Conhecer as características saudáveis dos alimentos;
- Conhecer vantagens de uma alimentação saudável;
- Conhecer as desvantagens de uma alimentação incorreta;
- Compreender a relação entre a alimentação e o bem-estar;
- Conhecer os alimentos que devem ser ingeridos em maior e menor quantidade;
- Conhecer a importância do cuidado a ter com o próprio corpo (Higiene pessoal e cuidados de saúde ligados ao desporto e à alimentação);
- Compreender os riscos de uma vida sedentária; Reconhecer a importância da prática desportiva e das atividades ao ar livre.

Tendo em conta os objetivos do projeto educativo, a criança deverá estar preparada para enfrentar os desafios futuros e poder tornar-se num ser criativo, inventivo e descobridor, capaz de criticar, verificar e não aceitar passivamente tudo o que lhe é proposto. Para que se lance no mundo sem medo, tem que se permitir que explore e experimente, dar-lhe liberdade de escolha, mesmo que à partida saibamos que se vai enganar. Também promove a inserção da criança em diferentes grupos sociais visando a tomada de consciência progressiva do seu lugar na sociedade.

1.1.3 - Grupo de crianças

Este grupo de creche é constituído por catorze crianças, onde nove crianças são do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Todas as crianças do grupo perfazem os dois anos até ao mês de Dezembro de 2014.

Das catorze crianças, oito integraram a instituição em anos anteriores, as restantes foram integradas no presente ano letivo.

Neste grupo não existe nenhuma criança que necessite de intervenção precoce, ou seja, não existe nenhuma criança com Necessidades Educativas Especiais. Existe sim, uma criança com algumas dificuldades ao nível da linguagem.

Trata-se de um grupo heterogéneo, também em relação ao desenvolvimento das crianças. Ao nível do desenvolvimento social e pessoal, o grupo já apresenta uma autonomia que se pode considerar bastante positiva para esta idade.

Ao nível do desenvolvimento da linguagem verbal nota-se uma grande disparidade entre as diferentes crianças do grupo. Todas as crianças são capazes de produzir palavras, mas nem todas conseguem construir frases com elas. Apenas produzem palavras soltas. Uma das crianças apenas produz sons e uma única palavra, a palavra “não”.

Ao nível do desenvolvimento motor, o grupo apresenta, em geral, uma boa motricidade global, são autónomos em relação à locomoção, no entanto ainda se nota que algumas crianças, nomeadamente as mais novas do grupo, caem com alguma frequência.

1.1.4 - Ambiente educativo e projeto curricular do grupo

O Ambiente educativo da instituição é bastante favorável quer entre adultos-adultos quer entre adultos-crianças. É uma instituição com um ambiente bastante tranquilo, não só devido ao corpo docente e não docente, mas também devido ao ambiente onde está inserida.

Quanto ao ambiente educativo dentro da sala de aula em questão, era um ambiente bastante propício a novas aprendizagens. A educadora proporcionava atividades bastante estimulantes, diversificadas, que proporcionassem às crianças o maior contacto como o mundo que os rodeava. A auxiliar de ação educativa responsável pela sala era bastante cooperativa e afetuosa com as crianças.

O projeto da educadora vai ao encontro do projeto educativo, onde as prioridades se centram no bem-estar e envolvimento da criança. Uma das principais prioridades do projeto curricular do grupo é a diversificação da alimentação e substituição da bolacha por pão e fruta, criando assim uma alimentação mais saudável. Esta prioridade vai ao encontro das prioridades do projeto da instituição.

No campo do desenvolvimento social e pessoal as prioridades são controlar os esfíncteres, comer autonomamente, partilhar brinquedos, respeitar regras e respeitar diferentes áreas dentro da sala. No campo do desenvolvimento cognitivo as prioridades são nomear o seu nome e o dos seus familiares, aumentar o léxico, desenvolver novos vocábulos e comunicar através de vocábulos.

1.1.5 - Projeto de estágio

1.1.5.1 – Síntese

O projeto de estágio, em contexto de creche, foi elaborado tendo por base o projeto da educadora, as características do grupo, as temáticas a trabalhar e, primordialmente, o projeto educativo, na medida que foi tido em conta que as crianças contactassem o mais possível com a natureza, que tivessem uma alimentação saudável e, acima de tudo o seu Bem-estar.

Como a saúde e o Bem-estar das crianças eram dois pontos de primordiais, quer no projeto educativo, quer no projeto curricular, o projeto de estágio teve por base da sua elaboração e aplicação estes dois pontos. Ao consultar, pormenorizadamente, os dois projetos foi possível comprovar que ambos defendiam que as crianças para serem saudáveis devem ter uma alimentação saudável. Para isto, tem como objetivos a introdução de alimentos específicos, como o tomate e a alface, na alimentação das crianças. Posto isto, também defendem que as crianças devem ter uma alimentação variada, de modo a poderem conhecer o mundo que os rodeia.

Para além disto, como os sentidos são algo que precisa de ser estimulado nestas idades, foi possível agregar os dois temas, pois para além do paladar, através do tato a criança também tem contacto com os novos alimentos, explorando as suas texturas. Assim, surgiu o nome do projeto “Alimentação saudável e o tato”.

Foram estabelecidos como objetivos do projeto “Alimentação saudável e o tato”:

- Introduzir o tomate e a alface na alimentação;
- Conhecer diferentes frutas da época em questão;
- Substituir a bolacha pelo pão e pela fruta;
- Manipular diferentes tipos de massas manipulativas;
- Contactar com diferentes texturas;
- Contactar com elementos da natureza;
- Promover atividades psicomotoras em diversos contextos.

Partindo destes objetivos foi possível dar concretizar atividades que envolvesse, não só a alimentação, como também o contacto com a natureza e os seus elementos. Este projeto contribuiu bastante para a alimentação saudável e variada.

Como nos encontrávamos no Outono/Inverno foi possível dar a conhecer às crianças várias frutas características desta época, tais como o diospiro, a romã, os frutos secos, a castanha, o abacaxi e a abóbora.

Este projeto teve início com uma atividade para promover a alimentação das crianças, substituindo a bolacha por pão de milho, onde primeiramente, as crianças exploraram tatilmente uma maçaroca de milho. Esta exploração teve como intuito dar a conhecer às crianças o ingrediente “milho” que fornece a cor amarela e o sabor característico deste pão. Para além disto, dar a conhecer às crianças o que é o milho e a maçaroca do milho. Assim, as crianças exploraram a maçaroca do milho ao nível das suas texturas através do tato e degustaram o pão do milho através do paladar. Esta atividade repetiu-se ao longo do estágio, sempre às terças-feiras, onde se tentava que as crianças contactassem com vários tipos de pão, variando o máximo possível, como por exemplo, pão de abóbora, pão de centeio e pão de frutos secos.

Para além desta atividade à terça-feira, também à quinta-feira se realizava uma atividade semelhante, mas com o mesmo objetivo “substituir a bolacha. Mas à quinta-feira, a bolacha, era substituída por fruta da época e o mais variada possível. Na primeira atividade, as crianças exploraram e degustaram romã, uma vez que é um fruto que apenas existe nesta época e com a qual muitas crianças não tem qualquer contacto. Primeiramente, as crianças exploraram o exterior da romã, ou seja, a casca da romã. Posteriormente, as crianças exploraram tatilmente o interior da casca da romã e os bagos. Por fim, degustaram os bagos da romã.

A exploração tátil da romã teve como intuito dar a conhecer às crianças como é constituída a romã. Esta atividade repetiu-se todas as quintas-feiras, ao longo do estágio, onde se tentava que as crianças contactassem com a maior variedade de fruta possível e, se possível, fruta da época em que nos encontrávamos, como por exemplo, a castanha, o diospiro, o marmelo, os frutos secos (nozes, amêndoas, pinhões e avelãs) e abacaxi.

Para além das atividades de exploração da textura dos alimentos e degustação dos alimentos, de modo a estimular ainda mais este sentido, foram proporcionadas atividades de massas manipulativas, tais como plasticina comestível, massa de bolachas, tintas e até mesmo várias técnicas de pintura, tais como a técnica do berlinde e do esparquete.

Tendo por terminada a aplicação do projeto é possível concluir que foi um projeto bastante enriquecedor, que permitiu às crianças contactarem com novos sabores e texturas. Permitiu que as crianças desenvolvessem os seus sentidos, mais precisamente, o tato e o paladar, não excluindo os outros sentidos. Contribuiu para a diminuição do egocentrismo das crianças, na medida em que proporcionou atividades de grupo, onde as mesmas tinham de partilhar entre elas os objetos. No final da aplicação do projeto, foi notória alguma evolução nas crianças, ao nível da sua

alimentação e também da sua motricidade fina, embora não se tenha verificado em todas as crianças. Contudo, avalio este projeto numa escala qualitativa de muito bom, uma vez que proporcionou às crianças atividades de todas as tipologias e que permitiu uma evolução das mesmas ao longo do desenrolar do projeto.

1.1.5.2 - Fundamentos

A alimentação, nos primeiros anos de vida de uma criança, é de extrema importância. Segundo Nunes & Breda (2010, p.14), a alimentação é um processo de seleção de alimentos, fruto das aprendizagens de cada indivíduo, que lhe permite escolher e distribuir as refeições ao longo do dia, de acordo com os seus hábitos e condições pessoais. Trata-se de um processo voluntário, determinado por fatores cognitivos, socioeconómicos, emocionais, psicológicos, afetivos e culturais. No caso das crianças com idades compreendidas entre os 2 e os 3 anos, estas ainda não distribuem autonomamente as suas refeições, o educador cria uma rotina onde distribui, de forma adequada e espaçada, as refeições das crianças.

Devido ao facto da criança se encontrar em fase de crescimento, é extremamente dependente de uma alimentação saudável e, por isso, encontra-se mais vulnerável sensível a desequilíbrios ou desadequação alimentares. (Nunes & Breda, 2010, p.14)

Para que a criança tenha uma alimentação saudável, há que escolher alimentos seguros, do ponto de vista da sua qualidade e higiene, e diversificados, por forma a satisfazer todas as necessidades de nutrientes essenciais. (Nunes & Breda, 2010, p.15)

A variedade na alimentação é a principal forma de garantir a satisfação de todas as necessidades do organismo em nutrientes e de evitar o excesso de ingestão de eventuais substâncias com riscos para a saúde, por vezes presentes em alguns alimentos. (Nunes & Breda, 2010, p.15)

Para que uma criança viva com saúde, é necessário ingerir alimentos de diferentes tipologias, em quantidades adequadas. São os alimentos que fornecem as substâncias ao organismo para que este se mantenha vivo (respirar, conservar a temperatura corporal, movimentar-se, crescer, brincar, trabalhar, entre outros).

Se a alimentação da criança não for adequada quer em quantidade, quer em qualidade, o seu crescimento pode ser afetado, podendo surgir diversas situações de doença ou de comprometimento global do desenvolvimento. (Nunes & Breda, 2010, p.15)

O pão é o alimento mais representativo do grupo dos hidratos de carbono, pois por pertencer a este grupo tem como função o fornecimento de energia. Em idade pré-escolar, aconselha-se o consumo diário de 100 a 150 g de pão, (aproximadamente três fatias) (Nunes & Breda, 2010, p. 21 e 35).

O pão e a fruta devem ser introduzidos a partir do ano de idade, para acompanhar as refeições. Assim, surge o conceito de alimentação saudável. Este conceito aplica-se a um método, alimentar excluindo todos os alimentos que apresentem qualquer nocividade para o organismo humano, tanto pela sua composição própria, como depois dos tratamentos a que a indústrias os submete.

Tal como a alimentação, também o desenvolvimento sensorial tem um papel muito importante nos primeiros anos de vida de uma criança. É através do cheiro, do toque, do contacto visual, da troca de palavras e do movimento que o bebé começa a explorar e a comunicar com o mundo envolvente, estabelecendo o primeiro, e tão importante, vínculo com os seus cuidadores.

Segundo Silva (2010), a perceção tátil é a capacidade que o ser humano tem para perceber através da pele quais as características de um objeto (forma, tamanho e textura) para além de outras sensações, tais como a pressão, a temperatura e a dor, as quais em conjunto possibilitam a adequada relação com o ambiente e os objetos, assim como a proteção e reação dos indivíduos a estímulos nocivos.

A psicomotricidade possibilita por meio de atividades específicas, a estimulação do sistema sensorial para o desenvolvimento da criança, pois é através do tato que a criança nos seus primeiros meses de vida, começa a explorar o ambiente que a rodeia.

Assim, a estimulação da perceção tátil, através da psicomotricidade, é bastante importante para o desenvolvimento da criança. Pois, desenvolve a componente motora (movimento) e a componente cognitiva da criança, contribuindo para uma boa aprendizagem da mesma.

A alimentação saudável desempenha um papel bastante importante para o desenvolvimento e crescimento da criança, tal como a estimulação tátil, que permite que a criança contacte tatilmente com as texturas do mundo que a rodeia. Foi devida à importância destes dois conceitos, que estes foram agregados e deram nome ao projeto de creche. Assim, a alimentação saudável é promovida e ao mesmo tempo, as crianças contactam tatilmente com as texturas de novos alimentos, bem como com elementos da natureza que as rodeiam.

1.1.5.3 - Apresentação

Todas as atividades realizadas ao longo das oito semanas de estágio foram ao encontro do tema do projeto “Alimentação saudável e o tato”, que por sua vez foram ao encontro dos objetivos do projeto da educadora e do projeto da instituição. Todas as atividades foram realizadas, sempre que possível, com recurso a elementos da natureza, como por exemplo folhas, cascas, alimentos, tal como referiam ambos os projetos. Estes defendiam que a criança devia estar em constante contacto com a natureza, ou seja, com o mundo que os rodeia. É possível verificar algumas das atividades realizadas nos exemplos que se seguem, onde se encontram alguns registos fotográficos, que mostram o envolvimento das crianças nessas atividades.

Exemplo 1 – Atividade de exploração da abóbora e da degustação do pão de abóbora

Esta foi uma das primeiras atividades realizadas no âmbito do projeto de estágio. Como estava a chegar o dia de Halloween, achei por bem que as crianças deviam ter um contacto direto com a abóbora do “Halloween e até mesmo prová-la. Foi então, que numa terça-feira, dia de comer pão em vez de bolacha, que as crianças comeram pão de abóbora. Mas, antes de comerem o pão, as crianças exploraram uma abóbora e todos os seus constituintes (pevides, casca e miolo). Algumas crianças negaram explorar tátilmente a abóbora, as que a exploraram não se mostraram muito confortáveis com essa atividade. Quanto à degustação do pão, todas as crianças comeram, inclusive repetiram, dizendo que era doce e bom. Foi uma atividade que promoveu às crianças o contacto com um elemento “novo” da natureza.

Exemplos fotográficos:



Exemplo 2 – Exploração de elementos da natureza característicos do Outono

O tema “O Outono”, era um dos temas que constava no projeto da educadora para ser abordado, partindo do pressuposto que as crianças deveriam ter contacto com a fruta desta época e alguns elementos caraterísticos, tais como folhas secas, pinhas, caruma, entre outros. Quando se iniciou esta estação, foi levada uma caixa com elementos da natureza, que apenas surgem nesta estação. A caixa foi colocada numa mesa, onde cada criança explorou livremente os vários elementos. A caixa continha: vários tipos de folhas, caruma, pinhas, castanhas, nozes, cascas de pinheiro, amêndoas, folhas verdes e folhas secas. Esta atividade foi bastante benéfica, na medida em que permitiu às crianças contactar com elementos da natureza, caraterísticos do Outono e assim contactar com novas texturas. As crianças demonstraram-se bastante envolvidas e interessadas na atividade.

Exemplos fotográficos:



Exemplo 3 – Atividade de exploração e degustação da romã

Tal como foi referido anteriormente, a alimentação saudável era algo muito valorizado, quer no projeto da instituição, quer no projeto da educadora. De modo a atingir um dos objetivos do projeto da educadora e do projeto de estágio, à quinta-feira, em vez das crianças comerem bolacha a meio da manhã comiam fruta da época. Então, como a romã é um fruto de Outono (estação do ano em que foi realizado o estágio) e como é um fruto que, normalmente, crianças com esta idade não costumam ter algum tipo de contacto, decidi que era importante conhecerem-no e provarem-no. Primeiramente, as crianças exploraram através do tato o interior e exterior da casca da romã. Posteriormente, exploraram os bagos da romã e comeram os mesmos. Inicialmente, as crianças mostraram-se receosas, inclusive algumas negaram a exploração da casca da romã. Durante a degustação, todas gostaram imenso da romã, embora

algumas rejeitassem as grainhas que estão dentro dos bagos da romã, ou seja, apenas comiam a parte do suco. Foi uma atividade bastante interessante, na medida em que as crianças puderam comer um fruto que normalmente não é dado a crianças desta faixa etária. Eles gostaram imenso do sabor da romã.

Exemplos fotográficos:



1.2 - Caracterização do contexto de estágio em jardim de infância

1.2.1 - Caracterização da instituição

O edifício que integra o Jardim de Infância localiza-se na localidade de Portela das Padeiras, que pertence ao distrito de Santarém. Para além do Jardim de Infância, o edifício, integra ainda três salas de 1º Ciclo. Assim, o estabelecimento apenas integra duas valências: Jardim de Infância e 1º Ciclo. Este Jardim de Infância é um estabelecimento de educação Pré-escolar da rede pública do Ministério da Educação. A instituição pertence ao Agrupamento de Escolas Sá da Bandeira, que se localiza em Santarém.

Frequentam este estabelecimento mais de 100 crianças, sendo que 24 destas crianças fazem parte do Jardim de Infância e as restantes ao 1º Ciclo.

No que respeita ao horário de funcionamento, as atividades letivas no Jardim de Infância funcionam das 9:00h às 15:15h. Posteriormente, das 15:30h às 18:30h funcionam as Atividades de Animação e Apoio às Famílias (AAAF), componente não letiva.

1.2.2 - Projeto educativo

O projeto educativo visa uma escola dinâmica, inovadora e inclusiva, que prima pelo rigor e excelência e que vá ao encontro das aspirações e expectativas da comunidade educativa, bem como das exigências da sociedade global.

Este projeto tem como principal missão dotar as crianças e jovens de saberes e competências essenciais para a sua vida enquanto pessoas e cidadãos. Pretende também que aprendam a valorizar o conhecimento, que compreendam a importância da aprendizagem, que aprendam a ser autónomos, responsáveis, com espírito criativo, empreendedor, que saibam colaborar com os outros, promovendo, deste modo, uma cidadania ativa e responsável.

O projeto centra-se em três eixos: o sucesso escolar, o processo educativo e gestão da atividade pedagógica e a organização e gestão escolar. Dentro destes eixos tem como prioridades:

- Capacitar os alunos de mecanismos que visem a procura autónoma e contínua do Saber e de competências que levem ao Saber Fazer, Saber Ser e Saber Estar.
- Responsabilização dos diferentes órgãos e atores educativos, na perspetiva de uma cultura de exigência e rigor.
- Fomento do trabalho colaborativo e articulado, incentivando a partilha de informação, saberes e experiências.
- Adaptação à mudança, de modo a corresponder, de forma inovadora e sustentada, às exigências do meio envolvente.
- Valorização de um ensino de excelência e de rigor, visando a melhoria da qualidade da ação educativa.
- Promoção da educação para a saúde, através da adoção de comportamentos saudáveis promotores de bem-estar físico, emocional e social.

Este projeto educativo foi elaborado para ir ao encontro das necessidades do Agrupamento de Escolas Sá da Bandeira, assim como de todas as escolas que o constituem.

1.2.3 - Grupo de crianças

A instituição é frequentada por vinte e quatro crianças, com idades compreendidas entre os quatro e os seis anos. O grupo é constituído por treze crianças do sexo feminino e onze do sexo masculino.

Este grupo é um grupo multietário, composto por duas crianças que perfizeram os seis anos de idade até 31 de dezembro de 2014 e não tiveram vaga no 1º ciclo. Estas duas crianças são uma mais-valia para o restante grupo, mostrando-se sempre dispostos e interessados em ajudar os mais novos. Para além destas duas crianças, constituem este grupo também dez crianças que perfizeram os cinco anos até 31 de dezembro de 2014, onze crianças que perfizeram os 4 anos até 31 de dezembro de 2014 e uma criança que fez os 3 anos até 31 de dezembro de 2014, sendo assim, a criança mais nova do grupo.

Neste grupo, quinze crianças já frequentaram, anteriormente, este Jardim de Infância. Nove crianças frequentam-no pela primeira vez, sendo que destas, cinco não frequentaram nenhum outro Jardim de Infância, embora três tenham frequentado creche.

Neste grupo existem duas crianças, do sexo feminino, referenciadas com Necessidades Educativas Especiais. Uma destas duas crianças, a mais velha sofre de malformação congénita e estrutural de natureza neurofuncional, que não tem controlo dos esfíncteres (usa fralda).

A outra criança, com Necessidades Educativas Especiais, foi referenciada pela Intervenção Precoce, antes de ingressar neste Jardim de Infância. Esta criança está, atualmente, a usufruir de consultas no Hospital de Santarém, ao nível de terapia da fala e terapia ocupacional. Esta criança, apesar de se revelar muito comunicativa, revela dificuldades em termos de compreensão e expressão oral, tempos de atenção curtos e dificuldades ao nível da motricidade fina e grandes movimentos.

Este grupo de crianças revela-se bastante desenvolvido, estimulado, participativo, interessado e observador. Revela muitos conhecimentos nas diferentes áreas de conteúdo.

O grupo, de um modo geral, revela bom comportamento, embora existam algumas crianças que geram alguns conflitos. Gostam imenso de participar nas atividades propostas.

1.2.4 - Ambiente educativo e projeto curricular do grupo

O ambiente educativo desta instituição é um ambiente bastante propício a aquisição de novos conhecimentos naturais e científicos. Para organizar o ambiente e proporcionar estas experiências enriquecedoras às crianças existe o pessoal docente e não docente. No estabelecimento existem cinco docentes, das quais quatro são Professoras do 1º Ciclo e uma Educadora de Infância. O Pessoal não docente é composto por quatro pessoas, das quais três são Assistentes Operacionais e uma foi colocada, temporariamente, pela Câmara Municipal de Santarém. O Jardim de Infância apenas contém a Educadora e uma auxiliar.

Quanto ao projeto curricular do grupo, este denomina-se de “Crescer feliz no Jardim de Infância”. Este projeto tem como componente educativa valorizar sempre a participação ativa da criança, como sujeito de aprendizagem. A abordagem às temáticas decorre, de um modo geral, da seguinte forma:

- Observação de algo significativo/ Chamada de atenção para algo/ Notícia trazida por uma criança ou educadora/ Proposta de criança ou educadora;
- Dialogar sobre o assunto, saber as diferentes opiniões e ideias;
- Pôr hipóteses/ levantar questões/ pesquisar/ procurar/ desenvolver outros tipos de intervenção sobre o assunto;
- Experimentar situações diversificadas /resolver problemas/intervir/realizar produtos (produções individuais ou de grupo)/ valorizar estratégias lúdicas (brincar) e adequadas aos interesses das crianças;
- Avaliar o que se fez/ sistematizar/ comunicar a outros/divulgar.

No decorrer do trabalho curricular a educadora utiliza uma metodologia de trabalho por projetos, em que os instrumentos de planificação e avaliação são (re)construídos com as crianças no próprio desenvolvimento da ação, procurando, sobretudo, implementar uma atitude de reflexão e de comunicação, por forma a que os intervenientes consciencializem o processo vivido. É bastante valorizada a expressão livre das crianças, o brincar, o descobrir e o experimentar.

A educadora procura envolver as famílias no decorrer do trabalho curricular, de forma a promover o diálogo entre os pais, filhos e educadora. O diálogo é em torno das atividades desenvolvidas, de forma a garantir, assim, o seu sentido educativo e a contextualização na vida quotidiana das crianças.

No desenrolar do projeto é também promovida a articulação com o 1º ciclo, assim como a interação com outros Jardins de Infância do Agrupamento.

1.2.5 - Projeto de estágio

1.2.5.1 – Síntese

O projeto de estágio em contexto de Jardim de Infância foi elaborado tendo por base os objetivos do projeto da educadora, “Crescer feliz no Jardim de Infância”, e as características do grupo.

De modo a ir ao encontro dos objetivos do projeto da educadora, o projeto de estágio tinha de proporcionar atividades que estimulassem o desenvolvimento e o crescimento das crianças, e assim serem felizes. Para além de ser este o título, o projeto curricular centra-se no conhecimento do mundo, na leitura de histórias, na participação ativa das crianças, no contacto com a natureza, no envolvimento dos pais em atividades no Jardim de Infância e no envolvimento com as crianças do 1º ciclo. Foi possível comprovar estes interesses do projeto curricular, não só na sua consulta como também durante a semana de observação. Durante esta semana foi possível comprovar o súbito interesse do grupo por acontecimentos históricos, por elementos da natureza e como esta se constrói e, principalmente, pelas histórias. Foi então que se decidiu aliar estes três principais interesses das crianças e estimulá-los. Assim, surgiu o título do projeto de estágio “Uma viagem pelo Conhecimento do Mundo através das histórias”.

Tal como o nome indica, este projeto permitiu uma diversidade de atividades, mais direcionadas para a Área do Conhecimento do Mundo.

Este projeto teve um início bastante interessante. Começou com a abordagem a uma pintora, “Frida Kahlo”. Começou com a interpretação, por parte das crianças, de um quadro desta pintora, que se intitulava “Natureza morta com melancias”, que contem frutas retratadas. Foi a partir das frutas retratadas no quadro que se iniciou o tema “A natureza”, tendo início com uma breve abordagem à composição do fruto, uma vez que no quadro estão retratadas várias frutas.

Para além da abordagem à pintora Frida Kahlo, foram, também, abordados temas bastante interessantes que por vezes são esquecidos pelos educadores, tais como o “25 de abril de 1974” e o “Dia do trabalhador”.

Como já foi referido anteriormente, para além destas atividades relacionadas com a História de Portugal, foi possível realizar atividades ligadas à natureza, tais como a formação da planta (da semente ao fruto), a alimentação saudável, entre outras. Para

além destas atividades, foram realizadas atividades no âmbito do Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita. Todos os dias, na hora do conto, foi lida ou contada uma história relacionada com a temática do dia/semana. Seguindo-se atividades de iniciação à escrita ou até mesmo de registo da história. Estas histórias foram apresentadas em vários contextos diferentes, tais como no pátio do recreio sentados numa manta e em pneus, debaixo de uma oliveira no recreio, dentro de tendas camufladas e dentro da sala, o que permitiu uma maior diversidade de atividades e um maior interesse e envolvimento das crianças nas mesmas. Para além dos contextos diversificados, também foram usados outros materiais com recurso às novas tecnologias, para apresentar as histórias, mais precisamente, o Photostory e a apresentação animada em Power Point.

Durante todas estas abordagens, foi possível realizar várias atividades de pintura, onde foram utilizadas diferentes técnicas e materiais, tais como, pinturas a pastel, pintura com a técnica do berlinde, entre outras.

Contudo, é possível concluir que foi um projeto bastante interessante que permitiu abordar temas muito interessantes, em que o envolvimento e o interesse das crianças foram bastante notórios.

Tendo por terminada a aplicação do projeto, é possível concluir que foi um projeto bastante enriquecedor, que permitiu às crianças contactarem com elementos da natureza, tais como plantas, sementes, ervas daninhas, terra, folhas e instrumentos agrícolas, inchada, ancinho e mangueira. Para além do contacto com os elementos da natureza, permitiu que as crianças estimulassem o seu imaginário através do contacto com novas histórias. Este projeto também permitiu o desenvolvimento da motricidade global através da realização de jogos ao ar livre, novas técnicas de pintura, tais como a técnica do berlinde, realização de recortes e o desenho. Permitiu também que as crianças contactassem com a obra e vida da pintora Frida Kahlo.

No final da aplicação do projeto, foi notória alguma evolução dos conhecimentos das crianças, ao nível das conceções sobre a composição do fruto, a germinação e a construção de uma horta. Também foi bastante notória a evolução dos conhecimentos das crianças sobre o que foi “a revolução de 25 de abril de 1974” e sobre como surgiu o feriado do “Dia do trabalhador”. Contudo, avalio este projeto numa escala qualitativa de muito bom, uma vez que proporcionou às crianças atividades de todas as tipologias e que permitiu uma evolução das mesmas ao longo do desenrolar do projeto.

1.2.5.2 - Fundamentos

Segundo Scardua (2009), o contacto que algumas pessoas têm, atualmente, com a natureza resume-se a terem uma planta artificial, em cima da mesa do escritório ou na copa, em casa.

Nos Jardins de Infância, as crianças, por vezes, ficam muito presas dentro das salas de aula ou em pátios com solo de cimento, o que dificulta a sua interação com o meio ambiente. De um modo geral, as crianças são muito curiosas e gostam imenso do contacto com a natureza, de olhar a forma como as formigas se movem, de abrir as torneiras e brincar com a água, fazerem festas no tanque da areia, entre outras. As crianças procuram em cada canto da escola um vestígio de natureza, com a qual possam ter contacto.

O Jardim de Infância deveria ser um lugar de descobertas, onde a criança, em contacto com o solo - terra e areia, água, pudesse presenciar o ciclo da vida de uma planta e perceber como é rica essa experiência (Scardua, 2009). Assim, é possível concluir que, enquanto as crianças anseiam por áreas abertas e naturais, com árvores, relva e animais, os adultos visam aspetos estéticos e a segurança das crianças.

Para as crianças, contactar com a natureza é fazê-las sentir parte dela. Por isso, as atividades ao ar livre proporcionam aprendizagens que colocam as crianças em sintonia com sentimentos de bem-estar, sendo um espaço que se pode constituir como fonte de sentimentos de solidariedade e companheirismo. Trata-se de um espaço que é de todos e onde cada um pode escolher com quem e com o que deseja brincar (Tiriba, 2010).

Segundo Vigotski (1989), as crianças são seres da natureza e da cultura, que se desenvolvem através da interação com os outros membros de sua espécie, no entanto, o desenvolvimento pleno e bem-estar social das crianças depende de interações com o universo natural de que são parte.

Tal como a natureza, também as histórias tem um papel importante no desenvolvimento das crianças. Assim, podemos referir a importância da literatura infantil na formação pessoal e social da criança.

Segundo Souza (1992), a leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade.

A literatura infantil, que advém de contos de fadas tradicionais adaptados para os dias de hoje auxiliam no desenvolvimento cognitivo e afetivo das crianças.

Segundo Ferreira (2014, p.3-4), a literatura infantil pode influenciar a formação da criança, permitindo que a criança comece a conhecer o mundo em que vive e a compreendê-lo.

A hora do conto encanta todas crianças, fixando a sua atenção e desenvolvendo a sua imaginação. Ao procurar a leitura como apoio pedagógico, procuramos alcançar nas crianças um nível de conexão entre a realidade e a sua aprendizagem.

Assim, é possível concluir que as histórias infantis apresentam um mundo encantado, onde a criança pode fantasiar várias situações, tendo em conta o enredo e as personagens. Pois, através de um livro é possível realizar diversas atividades, nas quais a criança coloca a sua imaginação e toda a sua criatividade em prática, surgindo, por vezes, um artista que está escondido dentro de si.

1.2.5.3 - Apresentação

Todas as atividades realizadas ao longo das oito semanas de estágio foram ao encontro do tema do projeto “Uma viagem pelo Conhecimento do Mundo através das histórias - Crescer com os pés na terra e com a cabeça na lua”. É possível comprovar a aplicação do projeto a partir de alguns exemplos de atividades que se seguem, onde se encontram fotografias da realização das atividades e onde se verifica o envolvimento das crianças nas mesmas.

Exemplo 1 – Interpretação do quadro de Frida Kahlo “Natureza morta com melancias”

Esta foi a primeira atividade do projeto, foi ela que desencadeou todas as outras atividades. Como já era objetivo do projeto da educadora abordar um pintor, pensamos em abordar a pintora Frida Kahlo, uma vez que ela tinha um quadro onde retratou frutos e era nosso objetivo abordar a composição dos mesmos.

Nesta atividade, primeiramente, as crianças contactaram visualmente com o quadro. Posteriormente, um de cada vez, referiu que frutas visualizavam no quadro, ou seja, cada um fez a sua interpretação do quadro. Por fim, foi apresentada uma breve biografia da autora. Esta atividade desencadeou uma atividade de Expressão Plástica, onde cada criança representou o quadro de Frida Kahlo utilizando um material de pintura diferente, pastel de óleo. Desta atividade resultaram trabalhos muito interessantes, tal como é possível verificar nos exemplos. A atividade foi bastante enriquecedora, na medida em que permitiu às crianças enriquecer os seus conhecimentos sobre uma pintora e sobre a sua arte. Também permitiu que as crianças experienciassem um novo material de pintura.

Exemplos fotográficos:



Exemplo 2 - Leitura da história “A que sabe a lua?” ao ar livre. Seguindo-se de um jogo “A que sabem as nossas bolachas?”, onde degustaram as bolachas feitas anteriormente (parte da manhã).

Esta atividade surgiu da abordagem às profissões, mais especificamente, à profissão de pasteleiro, que foi ao encontro da temática do “Dia do Trabalhador”, onde foram abordadas algumas profissões relacionadas com a natureza e com a saúde.

Na parte da manhã “os pasteleiros” confeccionaram bolachas de manteiga. Na parte da tarde, depois de ouvirem a história “A que sabe a lua?” ficaram a saber a que sabiam as bolachas. Para tal, foi criado um cenário semelhante ao da história. As bolachas foram penduradas, num fio de côco, de modo a parecerem a lua. Depois, as crianças, cada uma na sua vez, tinha de morder a bolacha sem lhe tocar com as mãos, tal como as personagens da história. No final, tinham de descobrir a que sabiam as bolachas. Esta atividade foi muito interessante, pois permitiu às crianças comer as bolachas de uma forma diferente, tendo como ponto de partida uma história. E, ao mesmo tempo, contactar com a natureza, durante a leitura da história e a degustação das bolachas. As crianças demonstraram-se bastante envolvidas nas atividades, pois todo o cenário permitiu uma maior captação da atenção das crianças e, assim, o seu interesse e envolvimento na mesma.

Exemplos fotográficos:



Exemplo 3 – Construção da Horta do “Espantalho Trapalhão”

Tendo por base o tema “A natureza”, no seguimento da abordagem à composição do fruto e à germinação, foi construída uma horta num canteiro da escola, onde foi possível abordar o semear, o plantar e o transplantar. Primeiro, as crianças arrancaram as ervas daninhas, depois uma das estagiárias cavou a terra e abriu os regos para poder plantar e semear as plantas. Posteriormente, as crianças colocaram nos regos sementes trazidas de casa, plantas como o tomateiro trazidas de casa e as sementes de feijão germinadas, que resultaram da experiência da germinação. Por fim, uma das estagiárias encheu os regos de terra e as crianças, com regadores, regaram as plantas e as sementes.

Como todas as hortas tem um espantalho, foi sugerido por uma criança que a horta da instituição também deveria ter um espantalho. Esta ideia foi aceite e concretizada, onde todas as crianças colaboraram na construção do espantalho e por fim atribuíram-lhe um nome, “O trapalhão”. Que por consequência deu nome à horta “Horta do Espantalho Trapalhão”.

Posteriormente, a horta era regada todos os dias, por três crianças escolhidas aleatoriamente. Esta atividade permitiu que as crianças contactassem diretamente com todos os elementos constituintes de uma horta, o que proporcionou uma experiência diferente para muitas crianças. O mexer na terra não constrangeu nenhuma criança, pelo contrário, motivou-as bastante, tal como o semear e o regar. Foi uma atividade bastante enriquecedora.

Exemplos fotográficos:



2 – Auto avaliação do percurso de aprendizagem

O estágio em creche, proporcionou experiências bastante enriquecedoras para mim como futura educadora, tal como a muda das fraldas. Permitiu-me o contacto direto com crianças tão pequenas, o conhecer as regras das mesmas e a forma direta de trabalhar com elas. Pois, por vezes, devido ao desconhecimento das regras em creche, são cometidos erros irrepreensíveis, que prejudicam a integridade física e mental das crianças.

Realizei o estágio, em contexto de creche, numa Instituição Particular de Solidariedade Social, que está inserida no espaço que pertence à Estação Zootécnica Nacional. A instituição tinha como principal missão proporcionar o desenvolvimento harmonioso da criança. Devido a esta instituição estar inserida num meio rural foi possível proporcionar atividades em que as crianças estiveram em contacto direto com a natureza que rodeava a instituição, quer animais como plantas, o que contribui bastante para alcançar o objetivo desta instituição, uma vez que a natureza transmite tranquilidade e harmoniza as crianças.

A forma como somos integrados na comunidade escolar é bastante importante, o que por vezes influencia o dinamismo de algumas atividades conjuntas. Fui muito bem aceite nesta comunidade escolar onde realizei o meu estágio em contexto de creche. Quer o corpo docente, quer o corpo não docente demonstraram-se sempre disponíveis para o esclarecimento de dúvidas, ajuda na dinamização de atividades com toda a comunidade escolar, de uma forma amável e interessada. Toda a comunidade escolar contribui para o meu “crescimento” como educadora.

O grupo de crianças com que estagiei era pequeno, constituído por 14 crianças, com idades compreendidas entre os 2 e os 3 anos de idade, o que facilitou a realização de algumas atividades em grande grupo.

O projeto da instituição tinha por base a saúde e o Bem-estar das crianças. Tendo estes temas em conta, o meu projeto foi criado para dar resposta ao projeto da instituição e ao projeto da educadora, uma vez que ambos estavam inteiramente relacionados. Assim, para além de outros objetivos mais específicos, o meu projeto tinha como objetivo principal promover uma alimentação saudável, que foi, seguramente, atingido.

No âmbito da promoção de uma alimentação saudável, que vai ao encontro do projeto de estágio, tendo como objetivo substituir a bolacha por pão e fruta, foram criados dias temáticos para esta promoção. Terça-feira era o dia de comer pão em vez de bolacha

e à Quinta-feira era dia de comer fruta em vez de bolacha. Nestas atividades, ao longo do decorrer das semanas, foi notória a evolução de algumas crianças ao nível da sua alimentação. Em alguns casos, no início da realização das atividades, algumas crianças rejeitavam a fruta desconhecida. Depois da realização destas atividades em grande grupo, onde elas não só saborearam a fruta como também exploraram tatilmente, que algumas destas crianças já não rejeitavam a fruta à primeira vista. Primeiro exploravam-na, depois saboreavam-na e só no final expressavam a sua opinião. Caso gostassem, repetiam. O mesmo aconteceu com as atividades de integração do pão na alimentação das crianças. Foram este tipo de reações/evoluções das crianças, que me levaram a concluir que foram atividades bastante produtivas, que proporcionaram o desenvolvimento das crianças e que foram criados novos hábitos na alimentação das crianças. Com isto, concluo que os meus objetivos, para estas atividades específicas, foram alcançados e bem sucedidos. Estas atividades permitiram-me evoluir na forma de agir e de pensar, na medida em que para criar hábitos alimentares há alimentos que podem ser substituídos. O facto das crianças inicialmente rejeitarem suscitou-me algumas dúvidas, que no final ficam esclarecidas, pois a criança rejeitava apenas pelo aspeto físico dos alimentos, porque quando provava, gostava e, em alguns casos, repetiam. Assim, consegui apreender que se deve insistir sempre com a criança para que esta experimente e experiencialize.

Durante a realização do estágio em contexto de creche, as competências que considero que dominei melhor foram comunicativa, oral e social. Ou seja, a nível comunicativo não senti qualquer dificuldade, conseguindo adaptar o meu discurso quanto à situação e à pessoa com quem pretendia dialogar. A nível social, não senti qualquer dificuldade, pois consegui socializar com todos os membros docentes e não docentes desta instituição, bem como com os encarregados de educação das crianças. A nível científico, embora dominasse a maior parte dos conteúdos, foi sempre benéfico o aprofundamento das temáticas a abordar com as crianças. Ou seja, de forma a sentir-me segura, de modo a não cometer erros, informei-me sempre sobre estas áreas antes de intervir.

A nível relacional, considero que dominei bem, sem constrangimento, as competências comunicativas, relacionais e de empatia, conseguindo estabelecer uma relação afetiva, mas ao mesmo tempo profissional, com as crianças.

No que respeita às planificações, no início senti alguma dificuldade, mas a educadora desempenhou um papel importantíssimo nesse campo. Pois, foi a educadora que dispensava um pouco do seu tempo para o esclarecimento de todas as dúvidas que surgiam, quer a nível de planificação das rotinas, sugestão de atividades,

funcionamento da planificação da creche, bem como da forma comportamental de uma educadora perante um grupo de crianças em idade de creche. Como nunca tinha estagiado em creche, o intuito era complexar as atividades. Esta dificuldade foi superada com a ajuda da educadora, pois, atualmente, sinto-me perfeitamente capaz de as realizar.

Quanto à questão de investigação, esta foi alterada. Primeiramente, pensei numa questão direcionada para o estudo de caso de uma criança em idade de creche, mas após a realização do estágio em contexto de pré-escolar, houve outra questão que me suscitou mais interesse. Então, Inicialmente, como senti alguma dificuldade em compreender o desenvolvimento cognitivo e social de uma determinada criança, pensei que seria uma boa questão para investigar. Mas, durante a realização do estágio em contexto de pré-escolar surgiu uma questão que me suscitou mais dúvidas e por si só, interesse em investigar mais sobre o tema. Sendo assim, esta primeira questão foi colocada de parte e decidi focar-me na questão que me surgiu em contexto de pré-escolar.

O estágio em contexto de Jardim de Infância foi realizado numa instituição de educação pré-escolar da rede pública do Ministério da Educação, situado na localidade de Portela das Padeiras.

Quanto à forma de integração na instituição, fui muito bem integrada quer pelo pessoal docente quer pelo não docente. A relação estabelecida com a educadora também permitiu uma melhor integração. Na primeira semana de estágio (semana de observação), a educadora, começou logo a proporcionar situações de interação com as crianças, de modo a promover a integração no grupo. A criação de atividades lúdicas, também, proporcionou uma maior interação com a restante comunidade escolar. Como por exemplo, a atividade do “25 de Abril” (criação do cenário alusivo ao 25 de Abril), no âmbito do projeto de estágio, despertou interesse a toda a comunidade escolar, onde foi possível que todos explorassem o cenário, pois a atividade principal foi apenas destinada ao Jardim de Infância. Toda a comunidade escolar reuniu-se no exterior, de modo a poderem explorar o cenário e, assim, interagir de forma a perceber o porquê daquele cenário montado no recreio. Esta atividade proporcionou uma maior interação com as crianças do 1º Ciclo, onde estas se demonstraram interessadas na atividade, embora apenas pudessem explorar o cenário. Algumas destas crianças, em conjunto com as respetivas professoras, tiraram fotografias no cenário, de forma a tornar o momento memorável. De um modo geral, concluo que fui muito bem integrada nesta comunidade educativa. A minha relação com o grupo, também, era bastante boa. Todas as crianças acatavam as minhas ordens e pedidos e, principalmente, todas

me respeitavam. Consegui estabelecer com todas as crianças uma relação afetiva e de respeito, que não foi estritamente profissional. Consegui comprovar isso através de algumas ações que as crianças tiveram para comigo ao longo do período de estágio.

O Jardim de Infância era frequentado por 24 crianças, com idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos. O grupo é constituído por 13 crianças do sexo feminino e 11 do sexo masculino, onde duas dessas crianças tinham Necessidades Educativas Especiais. Apesar de ser um grupo grande, não foi difícil organizar o grupo e trabalhar com ele. Sempre que possível eram realizadas atividades conjuntas, sem diferenciar a nível etário. Sempre que foi necessária a realização de atividades com maior ou menor grau de dificuldade, devido às faixas etárias, o grupo era dividido em dois pequenos grupos, o “grupo dos mais novos” e o “grupo dos mais velhos”. O “grupo dos mais velhos” era constituído pelas crianças que até ao final do ano completariam os 6 anos de idade, ou seja, ao fim deste ano letivo transitariam para o 1º Ciclo. O “grupo dos mais novos” era constituído pelas restantes crianças do grupo. Esta divisão, por vezes, facilitou a realização de tarefas e proporcionou um maior nível de aprendizagens às crianças.

O Projeto Curricular de Turma intitulava-se de “Crescer feliz no Jardim de Infância”. Este Projeto tinha como principal objetivo proporcionar às crianças um ambiente de bem estar e segurança, onde se sentissem livres e que permitisse o envolvimento das crianças em situações lúdicas e didáticas. Tendo estes objetivos como base, foi criado o projeto de estágio “Uma viagem pelo Conhecimento do Mundo através das histórias”. Este projeto visava o envolvimento das crianças com a natureza e com as histórias. O ambiente exterior à instituição facilitou a execução de atividades ligadas à natureza, devido a esta se localizar num meio rural.

Durante a realização do estágio em contexto de Jardim de Infância, considero que as competências que dominei melhor foram as competências comunicativa, oral, social e relacional. A nível comunicativo não senti qualquer dificuldade, consegui adaptar o meu discurso de acordo com a situação e a pessoa com quem pretendia dialogar. A nível social e relacional não senti qualquer dificuldade pois consegui relacionar-me com todos os membros docentes e não docentes desta comunidade educativa, bem como com alguns pais das crianças.

A nível científico e histórico foi onde senti alguma dificuldade. Embora dominasse alguns conteúdos, foi sempre benéfico o aprofundamento dos conhecimentos sobre os mesmos, pois por mais que se conhecesse os temas, existiam pequenos pormenores da ciência e da história que não dominava. Por exemplo, eu desconhecia a origem do “Dia do Trabalhador”, sabia apenas que os trabalhadores se revoltaram devido ao

excesso de horas de trabalho. Visto que foi um tema abordado por mim, numa semana de intervenção, senti a necessidade de me informar mais sobre o tema, de forma a poder instruir, corretamente, as crianças. Realizei pesquisas, em suportes credíveis e fiáveis, que me proporcionaram a aquisição de novos conhecimentos sobre o tema.

Sempre que senti dificuldade sobre algum tema realizei pesquisas que me esclareceram e me permitiram a aquisição de novos conhecimentos.

No que respeita à planificação das atividades não senti grandes dificuldades. As atividades escolhidas foram ao encontro do Projeto da Educadora e do Projeto de Estágio. No início de cada semana, a educadora informava o tema que gostaria que fosse abordado na semana seguinte e, a partir daí eram escolhidas as atividades apropriadas para desenvolver esse tema, tendo em conta as várias áreas de conteúdo.

Durante as semanas de intervenção individual as planificações foram realizadas pelo par de estágio, bem como os materiais. As atividades eram escolhidas e preparadas pelo par de estágio e posteriormente discutidas com a educadora. Todas as atividades foram realizadas com o conhecimento prévio da educadora e do par de estágio. No final da realização das atividades, era feita uma reflexão com a educadora, juntamente com o par de estágio, de modo a refletir sobre a prática de determinada atividade, possíveis erros cometidos e como os superar, ou seja, qual a melhor forma de agir perante determinada atividade. Esta reflexão permitiu um aperfeiçoamento da prática, como futura educadora, na medida que permitiu “polir” pequenas arestas de dificuldades anteriormente sentidas.

As situações pedagógico-didática em que me senti mais à vontade e confiante foram ao nível das áreas das Expressões. As áreas das expressões são áreas onde não sinto qualquer dificuldade. Por exemplo, na Expressão Motora consegui sempre arranjar atividades que se adequassem à faixa etária dos dois grupos e que fossem ao encontro do tema abordado na semana em questão, conseguindo explicar bem as atividades. Na Expressão Plástica tentei sempre que as crianças experimentassem diversos materiais de pintura, tais como o pastel. Para mim, a expressão plástica é um domínio onde a criança deve ter liberdade de expressão.

Na leitura de histórias também me senti bastante confiante e à vontade. Algumas histórias serviram como indutor de algumas atividades, onde permitiram iniciar determinada atividade despertando, assim, o interesse e curiosidade das crianças. Nas situações de leitura de histórias tentei sempre criar situações que despertassem o interesse das crianças. Por exemplo, para a leitura da história “O Tesouro”, de Manuel António Pina, decidi criar um ambiente que ilustrava o tema da história – 25 de abril de

1974. Coloquei uma tenda camuflada no exterior, seguidamente, vesti-me de soldado e levei as crianças para dentro da tenda, onde procedi à leitura da história.

As situações pedagógico-didáticas em que senti mais dificuldades foram na Área do Conhecimento do Mundo, mas propriamente no campo da ciência. Senti maior dificuldade nesta área devido a não ter tido preparação na minha área de formação inicial. Apesar de ter sentido algumas dificuldades não me senti, de todo, desprevenida para abordar os conteúdos da área da ciência. Apenas, para uma maior credibilização e explicação das atividades tive de realizar pesquisas para me elucidarem sobre determinados temas. Por exemplo, logo na primeira semana realizei uma experiência sobre a flutuação de frutos. Para a realização da mesma tive de a realizar previamente em casa, de modo a verificar quais os frutos que flutuavam e os que não flutuavam. É neste sentido, mais científico, que sinto mais dificuldades, porque noutros temas da Área do Conhecimento do Mundo, tais como profissões, corpo humano, etc. não sinto dificuldades de grande dimensão.

Ao longo do meu estágio, em contexto de Jardim de Infância, deparei-me com situações comportamentais, aparentemente ditas “normais”, tendo em conta as idades das crianças, que me suscitaram algumas dúvidas, pois considerei que não eram comportamentos adequados para crianças em idade pré-escolar. Quando expus as situações à educadora, esta referiu que se tratavam, possivelmente, de comportamentos agressivos. Uma situação que despertou a minha atenção foi a situação de uma criança do sexo masculino que apenas se relacionava com crianças do sexo feminino. Quando estava na área da casinha com crianças do sexo feminino, esta assumia um papel autoritário e mandava e desmandava nas outras crianças, que se encontravam a brincar nessa mesma área. Era esta criança que decidia qual o papel que cada criança assumia dentro da área. O mesmo acontecia no recreio. Esta criança relacionava-se sempre com as mesmas crianças do sexo feminino e realizava a mesma tipologia de comportamentos. Dentro da sala, a criança apenas falava quando é solicitada.

Também ocorreu uma outra situação que suscitou algumas dúvidas. Uma criança, também do sexo masculino, com quem as outras crianças não queriam brincar no recreio. Sempre que diziam que não queriam brincar com ela, automaticamente esta criança arranjava maneira de estragar a brincadeira, demonstrando, aparentemente, comportamentos agressivos. Esta criança despertou em mim algumas dúvidas, pois, como futura educadora, não sabia avaliar se realizava este tipo de comportamentos por revolta ou apenas para chamar a atenção das restantes crianças.

Feitas algumas observações sistemáticas, deste tipo de comportamentos desta criança, comecei a questionar-me “Como haveria de agir em situações semelhantes, como futura educadora?”, “Se deveria repreender?, Castigar?, Ignorar?, etc. Todas estas interrogações despertaram em mim um maior interesse em saber mais sobre como agir em situações em que as crianças demonstram comportamentos agressivos. Posto isto, decidi realizar a minha investigação sobre “Manifestações de comportamentos agressivos em idade pré-escolar”, tendo por base a questão “Como uma educadora deve agir perante a manifestação de comportamentos de agressividade em idade pré-escolar?”. Esta investigação servirá para me enriquecer profissionalmente, ou seja, servirá para me ensinar, como futura educadora, a agir em situações de agressividade, e assim, para poder ajudar a criança em questão e prevenir situações semelhantes.

3 – Pesquisa

3.1 – Revisão de literatura

Nos últimos anos, tem-se vindo a verificar um grande interesse nas questões relacionadas com a agressividade entre crianças. Apesar de serem referenciados mais casos de agressividade no 1º Ciclo, também existem casos em contexto de Jardim de Infância, que não têm sido tanto alvos de estudo.

Quando se referem questões de agressividade, a escola é reconhecida como um dos principais palcos vitais de agressões, de tensões e de conflitos entre as crianças, embora seja também na escola que os comportamentos agressivos das crianças são atenuados. *O meio escolar pode criar, cristalizar ou agravar conflitos, suscitando comportamentos violentos, como pode desempenhar um papel importante na prevenção da violência e da delinquência, pois é um lugar de socialização* (Barros, 2010, p.41).

Os educadores referem que as crianças, cada vez mais, têm comportamentos agressivos para com os seus colegas. Estes comportamentos agressivos podem ser resultado de inúmeros fatores pessoais e sociais. Para além disto, os comportamentos agressivos revelam não só efeitos negativos sobre as próprias crianças, como também sobre as crianças que observam estas práticas, por vezes gerando algum sofrimento. Segundo Ferraril (2006), a agressividade faz parte do instinto de todas as espécies, a prova disso são os animais que quando se sentem ameaçados comportam-se de forma agressiva, como um forma de defesa ou de sobrevivência. No ser humano a agressividade é desencadeada, também de maneira positiva e necessária ao seu desenvolvimento, pois é a agressividade que predispõe o impulso para a realização de desejos. Contudo, pode constituir-se num traço negativo na personalidade, levando, inclusive, o ser humano a cometer atos violentos.

Tal como afirma Winnicott (1982), os comportamentos agressivos das crianças são vistos como uma forma que a criança tem de comunicar a sua realidade, em busca de um controlo externo e assim experienciar o sentimento de segurança. *As crianças encontram na segurança uma espécie de desafio, um desafio que lhes é feito para provarem que são capazes de rebentar com ela* (Winnicott, 1993, p. 101).

As crianças que revelam comportamentos agressivos devem ser, primeiramente, compreendidas e só depois punidas, o que muitas vezes não acontece. É mais fácil punir a criança do que tentar perceber porque é que ela teve determinado comportamento agressivo com outra criança. Este deve ser um dos papéis do

educador, atuar perante estas situações, tentando entender o porquê da criança ter revelado comportamentos agressivos perante determinada dificuldade. Para além deste papel atenuante, o educador deve ter sempre presente que a agressividade faz parte do desenvolvimento da criança, tal como afirma Antier, *A agressividade faz parte da condição humana e desempenha um importante papel no desenvolvimento da criança* (2006, p.7).

Assim, segundo Winnicott (1982), o ser humano é portador tanto de sentimentos bons como de sentimentos ruins, por isso torna-se relevante o reconhecimento da agressividade como uma tendência humana. Logo, é importante compreender como essa tendência surge e o seu modo de funcionamento no processo de desenvolvimento da criança.

De facto existem muitos estudos sobre a agressividade infantil, mas muito poucos se centram no papel do educador como agente atenuante e preventivo destes comportamentos. Foi então que decidi realizar a minha investigação sobre a agressividade infantil, centrada no papel do educador. Tentando aprofundar os meus conhecimentos sobre como o educador age perante situações de agressividade, que estratégias o educador usa para que a criança supere as situações de agressividade. O educador deve adequar a sua intervenção tendo em conta, não só a origem dos comportamentos agressivos das crianças, mas também tentar perceber porque é que a criança teve determinado comportamento. A própria educação da criança, por vezes, é um dos fatores emergentes de agressividade. Segundo Ferreira & Wiezzel (2009), educar uma criança é uma tarefa difícil que exige tempo, paciência, compreensão e muito carinho, tanto por parte dos pais como por parte dos educadores. Pois, é aos poucos que a criança ganha capacidade e habilidade para lidar com o ambiente que a deixa com raiva, com medo, e assim, insegura.

Ao realizar as leituras sobre o tema de investigação, interroguei-me sobre uma perspetiva de um autor, relacionada com a agressividade. Segundo Cordeiro (2007), todos pais não gostam que os filhos sejam uns “gato-sapato” dos outros e, assim, sejam vítimas de injustiças. Este autor defende que *o que pode evitar esse descalabro é a existência de agressividade* (Cordeiro, 2007, p.52). Ao me deparar com esta perspetiva decidi que devia aprofundar os meus conhecimentos sobre ela, de modo a concluir se os comportamentos agressivos, em algum ponto, são reações positivas, uma vez que quando se fala em agressividade, a própria reação ao assunto é negativa.

"Os professores conhecem bem os impulsos agressivos dos seus alunos ... e às vezes vêem-se obrigados a enfrentar explosões agressivas ou uma criança que é

agressiva" (Winnicott, 1987, p.89). Tal como refere o autor, tanto o professor como o educador vê-se obrigado a lidar com situações de agressividade ou, até mesmo, com crianças agressivas.

Também o facto, da agressividade, estar mais associada ao sexo masculino, me despertou interesse em entender o porquê dessa associação, pois as crianças do sexo masculino “são crianças para quem a agressão é uma prática perfeitamente aceite, com resultados efetivos e que é aceite pela família. Por motivos culturais, a educação do sexo masculino tem tendências valorativas a comportamentos de domínio físico” (Pereira, 2002, p.27).

3.2 - Objetivos/questões orientadoras

Este estudo procura compreender o comportamento do educador perante uma situação de agressividade de uma criança para outra/s em idade pré-escolar, ou seja, como futura educadora pretendo conhecer qual a forma mais adequada de lidar e atenuar os comportamentos agressivos das crianças.

"Os professores conhecem bem os impulsos agressivos dos seus alunos ... e às vezes vêm-se obrigados a enfrentar explosões agressivas ou uma criança que é agressiva" (Winnicott, 1987, p.89). Tal como refere o autor, tanto o professor como o educador vê-se obrigado a lidar com situações de agressividade ou, até mesmo, com crianças agressivas. O que são comportamentos agressivos? O que leva uma criança a manifestar comportamentos agressivos? Qual a melhor forma de lidar com crianças agressivas? Que estratégias concebem os educadores para superar os comportamentos agressivos das crianças? Estas são as questões que irão nortear o meu estudo, tendo em conta que a instituição educativa é um dos palcos vitais de agressões e de conflitos entre as crianças e o profissional de educação que desempenha um papel na resolução destes conflitos.

Neste sentido, este estudo terá como objetivos:

- Conhecer o que os educadores entendem por comportamentos agressivos e em que situações estes emergem;
- Identificar que estratégias o educador concebe e implementa face à manifestação de comportamentos agressivos por parte das crianças.

Perante estes objetivos, o estudo será mais centrado no papel do educador como agente que atua perante comportamentos agressivos, de modo a atenuá-los e a prevenir a sua ocorrência.

3.3 - Opções metodológicas para recolha e análise de dados

3.3.1 – Tipo de investigação

O tipo de investigação que considerei adequada ao meu tema da questão investigativa foi o estudo qualitativo, descritivo de carácter exploratório. É possível definir a investigação qualitativa como sendo *uma perspectiva multimetódica que envolve uma abordagem interpretativa e naturalista do sujeito de análise* (Aires, 2011, p.14). O processo da investigação qualitativa é o estabelecimento de uma *trajectória que vai do campo ao texto e do texto ao leitor* (Aires, 2011, p.16). Esta investigação orienta-se por duas persuasões: *persuasão científica que define e descreve a natureza da realidade social, e persuasão epistemológica que determina e orienta o modo de captar e compreender a realidade* (Aires, 2011, p.16).

O estudo é de carácter exploratório porque visa promover a aquisição de nova informação sobre o tema de pesquisa, que o investigador desconhece, ou seja, *conforme o objetivo da pesquisa, a primeira necessidade pode ser a de explorar um tema que é de desconhecimento do pesquisador* (Capelão, n.d.). Este tipo de pesquisa é muito útil quando o investigador tem uma noção vaga do problema que quer investigar.

O estudo descritivo tem como função a apresentação de informações sobre pacientes ou dados produzidos por serviços de informação (Alencar, 2012).

O estudo descritivo tem como objetivos identificar, registar e analisar os fatores ou variáveis relacionados com o fenómeno em estudo.

Para auxiliar a investigação qualitativa, a técnica utilizada foi a entrevista. A descrição do estudo resultou da análise dos dados obtidos através das transcrições das entrevistas realizadas.

3.3.2 – Instrumentos de investigação

Para alcançar os objetivos propostos recorri, no presente estudo, à entrevista. Pois, segundo Roegiers (1993, p.22) *a entrevista é um método de recolha de informações que consiste em conversas orais, individuais ou de grupos, com várias pessoas selecionadas cuidadosamente, a fim de obter informações sobre factos ou representações, cujo grau de pertinência, validade e fiabilidade é analisado na perspectiva dos objetivos da recolha de informações.*

Assim, a entrevista, *é uma das técnicas mais comuns e importantes no estudo e compreensão do ser humano* (Aires, 2011, p.27).

Tendo como objetivo da utilização da entrevista a recolha de informação, decidi aplicar entrevistas semi-diretivas. A entrevista semi-diretiva *coloca questões que se pretendem abertas, num ambiente descontraído e informal, estando articuladas de modo a que o entrevistado se sinta confortável para se expressar sem condicionalismos e possa utilizar o seu vocabulário original* (Biggs, 1986, cit. Marques). Este tipo de entrevistas exige um guião, pelo qual o entrevistador se deve reger ao longo do processo. Selecionei este tipo de entrevista, depois de realizar a minha pesquisa bibliográfica, para que pudesse auxiliar no estudo da temática da investigação, uma vez que é um dos princípios desta tipologia. *Este tipo de entrevista é utilizado quando o investigador dispõe de informação bibliográfica que o auxilia na temática que pretende estudar* (Biggs, 1986, cit. Marques).

O guião das entrevistas que realizei foi constituído, assim, por questões às quais as inquiridas responderam livremente, expondo as suas conceções e procedimentos defendidos por si, sobre o tema estudado.

As entrevistas realizadas são constituídas por três blocos (ver anexos I e II). O primeiro bloco destinou-se à caracterização das educadoras selecionadas, ou seja da amostra. O segundo bloco destinou-se à caracterização sobre o conceito de agressividade e comportamentos agressivos.

O terceiro bloco destinou-se, mais diretamente, às práticas educativas das educadoras em sala de aula, de modo a aprofundar quais as estratégias que concebem para evitar e atenuar os comportamentos agressivos das crianças.

3.3.3 – Procedimento

As entrevistas foram realizadas com marcação prévia, na qual expliquei às inquiridas qual o tema, os objetivos do estudo e a problemática. Foi também garantido o seu anonimato e valorizado o seu contributo para a investigação em curso. A marcação das entrevistas foi efetuada por contacto direto e por contacto telefónico.

As entrevistas foram realizadas, uma no Jardim de Infância e as restantes quatro, na residência das inquiridas, sendo todos os espaços onde decorreram as entrevistas escolhidos pelas entrevistadas. As entrevistas foram registadas em gravação áudio. O tempo de duração das entrevistas oscilou entre os 4 minutos e os 35 minutos. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas e analisadas de acordo com os procedimentos de Bardin (1977), de análise de conteúdo.

3.4 - Caraterização contexto/ amostra estudada

Para a elaboração deste estudo utilizei a técnica de amostragem por conveniência, uma vez que os sujeitos que constituem a amostra são aqueles que se mostraram disponíveis e interessados em colaborar no estudo.

Segundo Oliveira (2014), a técnica de amostragem não probabilística procura uma amostra de elementos convenientes. Ficando a seleção da amostra a cargo do entrevistador. Assim, amostragem por conveniência é a menos dispendiosa e a que menos tempo consome.

A amostra é constituída por cinco educadoras de infância, onde uma delas reside e exerce no distrito de Santarém e as restantes ao distrito de Portalegre, mais precisamente, ao concelho de Nisa. Duas das educadoras seleccionadas, para a realização do estudo, exercem no ensino privado, mais precisamente na Santa Casa da Misericórdia de Nisa, as restantes exercem no ensino de rede pública. Foram seleccionadas de acordo com o objeto de estudo e esteve dependente da proximidade do meu local de residência.

Perante a análise e tratamento dos dados, é possível concluir que a amostra seleccionada é composta por cinco elementos do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 41 e os 59 anos e todas exercem há mais de 20 anos. A maioria exerce numa turma multietária.

3.5- Apresentação e análise dos dados

É a partir da transcrição dos conteúdos das entrevistas que os dados são analisados, *os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos (Bardin, 1977, p.101).*

Segundo Bardin (1977, p.66), a análise é transversal, onde as entrevistas são recortadas em redor de um tema-objeto, quer dizer que “tudo o que foi afirmado acerca de cada objeto preciso no decorrer da entrevista, foi transcrito para uma ficha ...”. Assim, a análise qualitativa é caracterizada pelo facto de a inferência – sempre que é realizada – ser fundada na presença do índice (tema, palavra e personagem) e não pela frequência da sua aparição, em cada comunicação individual (Bardin, 1977, p.115 e 116).

Analisados e tratados os resultados são retiradas todas conclusões, tendo em conta o tema-objeto.

Foi realizada uma primeira análise dos dados, que foi colocada em tabelas, que se encontram em anexo (Anexos VIII, IX e X). Após a análise das entrevistas foram selecionados os aspetos mais importantes e relevantes para a investigação.

Após a análise dos dados, no que respeita ao conceito de agressividade é notório que não existe uma definição bem fundada e fundamentada por parte das educadoras, inclusive a educadora D, revelou certa dificuldade em definir o conceito de agressividade, acabando por não responder à questão. O mesmo não aconteceu com as restantes educadoras. A educadora A, também revelou dificuldade em definir o conceito, uma vez que não considera que exista agressividade nesta faixa etária, referindo que a agressividade destas crianças são apenas chamadas de atenção de que algo não está bem com ela. As restantes educadoras definiram a agressividade como sendo os comportamentos, atitudes e ações que as crianças têm em relação a outras crianças, a objetos da sala no meio escolar e até para com os adultos. São atos inocentes, que não revelam maldade, onde a criança revela a sua reação a determinado estímulo. Quando reage a esse estímulo, revela comportamentos agressivos, por exemplo, o bater e o morder.

Os comportamentos agressivos das crianças, tendo em conta as respostas das educadoras podem emergir de vários fatores, tais como, da não compreensão do contexto escolar, do contexto em que a criança está inserida e da própria história da criança. Bem como, da dificuldade de afirmação, da disputa de brinquedos e outros materiais, da recusa do cumprimento das regras da sala, do desmanchar de uma

brincadeira, da competição de um jogo ou corrida e do desenrolar das atividades, principalmente no recreio.

Quanto aos fatores que estão inerentes ao aparecimento dos comportamentos agressivos nesta idade, após a análise dos dados, podem ser considerados fatores internos, tais como perturbações de audição quando associadas a dores instáveis ou qualquer coisa que a incomode, reações da criança, o próprio feitio da criança, a sua educação e as suas motivações. Também, a baixa resistência à frustração, o não saber os seus limites, o não ter regras, o não gostar de ser contrariada, estão associados ao aparecimento destes comportamentos. Mas, na realidade, muitos dos comportamentos surgem do seu quotidiano, da convivência com crianças não tão passivas nem compreensivas e da imitação de comportamentos familiares. Em muitos casos, a criança imita o que observa no seu quotidiano escolar e familiar, de forma a se poder afirmar ou até mesmo chamar à atenção para algo.

No que diz respeito às estratégias que o educador concebe para evitar e atenuar os comportamentos agressivos das crianças, as educadoras começaram por referir se consideravam que existiam crianças agressivas nas salas com que trabalhavam. Apenas três das cinco educadoras referiram que não existiam crianças agressivas na sala com que trabalhavam. Estas duas educadoras, Educadora A, C e E, consideraram que não tinham crianças agressivas porque, a Educadora A, afirmou apenas que tinha crianças com comportamentos menos adequados e que não considera que as crianças nesta idade são agressivas. A Educadora C considerou que não tinha crianças agressivas porque como tem uma turma de 3 anos e elas nesta idade ainda são um pouco egocêntricas, é normal que ocorram determinados comportamentos característicos da idade, no remete para o valor da partilha. A Educadora E, refere que “agressivos, agressivos” não tem, mas tem uma criança que morde. Na questão seguinte, onde pedi que contasse um episódio de uma criança agressiva, a Educadora E, contou um episódio da criança que morde, assim, considera que ela tem comportamentos que ferem a integridade dos colegas, considerando que tem comportamentos menos adequados, devido a esta criança ter um atraso mental de um ano, ou seja, apesar da criança ter 3 anos cronologicamente, mentalmente só tem 2 anos. Assim, as “mordidelas” são um ato característico da idade de creche, idade mental em que a criança se encontra. As Educadoras que referem a existência de crianças agressivas na sala com que trabalham, identificam duas ou mais crianças como agressivas.

Quanto ao sexo das crianças, a maioria das educadoras referiu que as crianças do sexo masculino são mais agressivas do que as do sexo feminino. Apenas duas das

Educadoras (Educadoras A e E), referem que, atualmente, não existe diferença entre sexos, que ambos podem demonstrar comportamentos agressivos. E que, antigamente, os comportamentos agressivos estavam associados ao sexo masculino, mas, atualmente, o mesmo não se verifica.

Na questão que se seguiu cada educadora contou um episódio em que presenciou o comportamento agressivo de uma criança e assim iniciou a introdução ao tema das estratégias que concebe para atenuar esses comportamentos agressivos. Foi então que a Educadora A referiu que era primordial o contacto físico entre a criança agressiva e o adulto, para que essa entenda-se que “eu estou aqui”. Seguidamente, foram referidas outras estratégias que vão ao encontro das estratégias das outras educadoras. Assim, as estratégias utilizadas pelas educadoras são a criação ou realização de jogos (por exemplo, jogo dos picos, barro e a plasticina) desviando os centros de interesse da criança, conversar com as crianças sobre os seus comportamentos e as regras da sala, se possível construí-las com as crianças. Explicar-lhes o que devem ou não devem fazer, separá-la das crianças com que apresentam esses comportamentos, fazê-la refletir sobre a sua atitude agressiva, fazê-la pedir desculpa, tentar antecipar esses comportamentos, estar com atenção aos comportamentos das crianças e, se necessário, alertar as outras as crianças para determinado comportamento característico de uma criança, também são estratégias utilizadas pelas educadoras em estudo. Mas, como referiu a Educadora E, o importante é atuar no momento, porque se atuar muito tempo depois, a criança já não se vai lembrar da atitude que teve. Se com estas estratégias, os comportamentos da criança não atenuarem, como refere a Educadora B, a estratégia seguinte é falar com os pais, para que em conjunto tentem ajudar a criança a melhorar e a superar esses comportamentos.

Quanto às estratégias que o educador concebe para prevenir o surgimento de comportamentos agressivos, as educadoras referiram que utilizam a conversa com as crianças sobre os seus comportamentos e regras da sala, para que não voltem a apresentar esses comportamentos, o estabelecimento de regras claras, realização de atividades e jogos de entreajuda, de confiança e cooperação entre as crianças, a criança “pensar na vida”, estar com atenção às crianças ditas agressivas e, se necessário, atuar no momento em que o comportamento agressivo ocorre. Segundo a Educadora A, a criança deve ser promovida, devem ser-lhe atribuídas responsabilidades e tarefas para realizar. A Educadora B, defende que é essencial estabelecer regras de convivência, entre as crianças, nos diferentes espaços. Também, a antecipação é uma estratégia bastante defendida pela Educadora C.

O recreio é um local onde, normalmente, são desencadeados comportamentos agressivos entre as crianças. Então cabe ao educador perceber se, no recreio, existem materiais disponíveis para todas as crianças, que é o fator que gera, normalmente, conflitos entre as crianças.

No que diz respeito ao facto de considerar que existam comportamentos agressivos que possam ser uma reação positiva, apenas duas educadoras consideraram que sim, que podem existir situações em que a agressividade é uma reação positiva. As restantes consideraram que os comportamentos agressivos são sempre reações negativas, inclusive a Educadora D, referiu que não gosta muito deste tipo de reações na sala com que trabalha. As Educadoras A e C defendem que a agressividade pode ser uma reação positiva, sendo que a Educadora A defende que a agressividade é uma reação que a criança tem que nos faz olhar para ela e perceber o que ela precisa, mas que, posteriormente, ela tem de perceber que não é um comportamento adequado e deve reformulá-lo. A Educadora C, defende que pode ser uma reação positiva, na medida que as crianças tem direito a se defender, que ao longo da sua vida vão surgir várias situações de agressividade para as quais devem estar preparadas para as resolver, sem ser com esses comportamentos agressivos, ou seja, ao serem agressivas pela primeira vez perante determinada situação, devem ser corrigidas para, posteriormente não voltarem a ter a mesma reação negativa.

A Educadora A referiu, também, que a não colocação de rótulos “agressivos” às crianças, é uma estratégia muito importante para prevenir o surgimento de novos comportamentos agressivos nessa criança ou noutras.

Por fim, quanto ao papel da instituição educativa na prevenção dos comportamentos agressivos, todas as educadoras referiram que a instituição deve ter um papel preventivo destes comportamentos. Embora as Educadoras B e C, nunca tenham presenciado casos em que a instituição teve um papel preventivo, uma vez que os casos que lhes surgiram foram casos pontuais, que foram resolvidos na hora, na sala de aula. Segundo a Educadora A, a instituição deve criar condições nos espaços escolares, que demovam a ocorrência desses comportamentos. Deve disponibilizar apoios psicológicos, educação especial, terapeutas da fala e terapeutas ocupacionais. Refere ainda, que a falta de adultos é propício à ocorrência destes comportamentos, assim, deve disponibilizar maior apoio e vigilância por parte dos adultos. A Educadora D, defende que basta que a instituição cri regras, juntamente com as crianças, para que esta tenha um conhecimento específico do que pode ou não fazer.

A Educadora E refere que não é só a instituição que deve ter um papel preventivo, mas sim toda a comunidade educativa.

3.5 - Reflexão final

Tendo em conta os meus objetivos desta investigação estes foram alcançados, permitindo assim responder às questões da investigação.

Quanto ao primeiro objetivo, que consistia em clarificar o que os educadores entendem por comportamentos agressivos e em que situações emergem concluo que, as educadoras, não tem bem definido o conceito de agressividade. Conseguem identificar de onde emergem, mas foi notória a dificuldade da sua definição. Assim, é possível verificar a partir das respostas dadas que o conceito de agressividade em idade pré-escolar tem várias interpretações, tendo em conta as perspetivas das educadoras. Mas, é possível reter que a agressividade em idade pré-escolar, são, essencialmente, reações a estímulos ou chamadas de atenção, que uma criança tem em relação a outras crianças, objetos do meio escolar ou até mesmo adultos. É um ato inocente, que praticam sem maldade, onde pretendem mostrar que algo não está bem, ou seja, é a forma de demonstrarem o seu desconforto com determinada situação.

Os comportamentos agressivos das crianças podem emergir de vários fatores internos ou externos à criança, dentro da sala e no recreio. Os comportamentos agressivos podem estar associados, simplesmente, à educação da criança e ao que a criança visualiza no seu seio familiar, ou seja, reage da mesma forma que vê os progenitores reagir. Transporta esses atos para a escola, praticando-os com os colegas. Ou podem emergir, simplesmente, de disputas de materiais, da dificuldade de se afirmar ou do desenrolar de atividades ou jogos.

Com a análise dos dados, possível concluir, que a agressividade das crianças está inteiramente desligada do facto das crianças frequentarem o ensino privado ou público. Pois, as duas Educadoras que referiram que tinham crianças agressivas nas salas com que trabalham, uma exerce no ensino público e outra no ensino privado. Assim, os comportamentos agressivos estão associados a outros fatores, que não o tipo de ensino que frequentam.

No que respeita ao segundo objetivo, identificar que estratégias o educador concebe e implementa face à manifestação de comportamentos agressivos por parte das crianças, este também foi atingido. Com a realização desta investigação, esclareci a minha dúvida quanto às estratégias, podendo contactar com diferentes estratégias, utilizadas pelas cinco educadoras.

Atualmente, ainda é notória a associação dos comportamentos agressivos ao sexo masculino. Embora, já não se verifique uma grande disparidade entre sexos, segundo

as Educadoras A e E. Tal como estas referem, ambos os sexos demonstram o mesmo grau de agressividade, perante as várias situações.

Existem várias estratégias que o educador utiliza para atenuar os comportamentos agressivos das crianças. Não existe uma estratégia de atuação e prevenção, em particular, destinada a cada situação de agressividade. Mesmo assim, a estratégia comum a todas as educadoras é a realização de uma conversa de reflexão com a criança, sobre as suas atitudes e comportamentos agressivos, e o pedido de desculpas à criança lesada.

Contudo, é importante referir que todas as educadoras referiram que a instituição educativa deve desempenhar um papel importante na prevenção de comportamentos agressivos entre as crianças.

4 – Considerações Finais

A agressividade em idade pré-escolar é algo difícil de definir. Sévérin e Dupont (1982), referem uma definição muito interessante e sucinta sobre agressividade. Afirmam que, *A criança é totalitária: quer o espaço todo para si e não admite que ninguém se oponha a isso... qualquer objeto ou pessoa que possa limitar os seus movimentos torna-se um inimigo que tentará afastar* (1982, p.49). Estes dois autores referem ainda, que na realidade, a agressividade, é um sinal de vitalidade. E que, o educador deverá canalizar esta vitalidade para algo construtivo, tais como o canto ou a realização de jogos, mas mesmo assim, a criança continuará a fazer com que o seu espaço seja respeitado.

Partindo da revisão da literatura, surgiu a problemática e, conseqüentemente, os objetivos, que foram alcançados com sucesso. Para que fossem alcançados, foi realizada uma investigação qualitativa, onde foi utilizada a entrevista semi-diretiva, como instrumento de recolha de dados. As entrevistas foram realizadas a educadoras, o que permitiu refletir sobre a prática de cada uma e recolher informações sobre a temática da agressividade. Após a análise dos dados recolhidos na investigação, foi possível concluir que não existe uma estratégia própria para lidar com cada situação de agressividade. Cabe ao educador adotar as suas próprias estratégias para colmatar os comportamentos agressivos das crianças. É possível verificar que, as educadoras, em estudo, utilizam uma estratégia em comum, o diálogo com as crianças. Todas elas referiram que é algo fundamental, na atenuação destes comportamentos. O educador deve refletir com a criança sobre os seus comportamentos menos adequados, logo após estes terem ocorrido. Deve tranquilizar a criança, *...dizendo-lhe que ela aprenderá a controlar-se* (Brazelton & Sparrow, 2008, p.58).

Como é possível concluir, o educador desempenha um papel fundamental no que remete a esta temática, pois como refere Brazelton & Sparrow (2008), o educador deve ajudar a criança a encontrar palavras para os sentimentos que colocou em ação, que podem ajudá-la da próxima vez (2008, p.58).

A maior parte das dificuldades que a criança enfrenta na escola têm a sua origem em casa. (Sévérin & Dupont, 1982, p.40). Tal como afirma este autor, a maior parte dos comportamentos agressivos das crianças, em idade pré-escolar, tem uma origem exterior à criança. Surge da imitação de comportamentos que a criança visualiza em casa e no seu seio familiar. Mas não só, como fatores externos, também os fatores sociais e ambientais, podem estar na origem de comportamentos agressivos das

crianças. Também os fatores internos têm a sua relevância nesta temática, pois se a criança não se encontra em pleno, quer física e/ou psicologicamente, poderá revelar comportamentos agressivos, como forma de defesa e proteção. Se a criança tiver dores, pode demonstrar comportamentos agressivos, que revelam a sua impaciência, incapacidade e dor. Reage de forma agressiva para demonstrar que algo não está bem com ela.

Com esta investigação concluo que, numa primeira fase, devem ser criadas regras dentro da sala de aula e do recreio, pois é no recreio que são desencadeados muitos conflitos com as crianças. Depois das regras criadas, deve ser explicado que dentro da escola são todos amigos, por isso, quando decorrer algum problema devem chamar um adulto e não partir para a agressividade.

Quando na realização de atividades ou tarefas, o educador, deve ter em atenção se existem materiais para todas as crianças, pois a disputa de materiais está, na maioria das vezes, na origem de comportamentos agressivos entre as crianças, em idade pré-escolar, devido a serem, ainda, um pouco egocêntricas. Se não for possível, disponibilizar materiais para todos, as crianças devem ser incentivadas para a partilha dos mesmos.

Na prática, quando ocorrerem estes comportamentos, deverei utilizar as estratégias que achar que são as mais adequadas para atenuar e prevenir o surgimento de comportamentos agressivos. Pois, com a realização desta investigação, concluí que não existem estratégias próprias para lidar com cada situação de agressividade, cabe ao educador construir as suas próprias estratégias para colmatar esses comportamentos agressivos.

Esta investigação foi bastante enriquecedora e esclarecedora. Proporcionou-me, para além do contacto com as conceções que as educadoras têm sobre agressividade em idade pré-escolar, esclarecer as minhas dúvidas quanto à ação do educador perante os comportamentos agressivos da criança, de modo a atenuá-los e até mesmo prevenir o seu surgimento. Permitiu-me contactar com a experiência de várias educadoras, e assim, com a forma como estas lidam com os comportamentos agressivos das crianças em idade pré-escolar. As conceções que as educadoras têm sobre agressividade e as estratégias por elas concebidas permitiram-me construir o meu próprio modelo e perceber formas adequadas de lidar com as crianças ditas agressivas, que era a minha principal dificuldade.

Concluindo, através deste estudo é possível verificar que apesar, das crianças que frequentam o pré-escolar, serem crianças de faixa etária bastante reduzida, entre os três e os cinco anos, já se verifica a prática de comportamentos agressivos, embora

não tão sistemáticos e não tão agressivos como em idades superiores, mas já se verificam, pelo que o educador deve estar atento. Apesar de se verificar a ocorrência de alguns comportamentos agressivos, após a realização das entrevistas, que nem todas as educadoras consideram esses comportamentos como agressivos. Consideram-nos como reações negativas a estímulos. Por isso, esta agressividade, pode ser considerada como uma reação positiva ou negativa, dependendo do significado que cada uma lhe atribui.

Para além da reflexão sobre a investigação, é também importante refletir sobre a prática em contexto de Creche e de Jardim de Infância. Ambas as práticas foram bastante enriquecedoras e proporcionaram-me experiências que me enriqueceram como futura educadora, na medida em que me permitiram corrigir erros e ultrapassar as dificuldades que foram surgindo ao longo das mesmas. Permitiram-me colocar em prática as estratégias adquiridas ao longo das aulas, que as docentes foram elucidando, ou seja, passar da teoria à prática. Mas como referia a educadora cooperante, de contexto de Jardim de Infância, foram curtos espaços de tempo que permitiram aplicar os conteúdos estudados, pois as verdadeiras aprendizagens só se realizam com a prática efetiva das mesmas. Assim, posso concluir que, ambas as práticas, me permitiram adquirir novas aprendizagens, superar dificuldades e aumentar a minha prática. É através da prática que se adquirem a maior parte das competências essenciais para realizar um bom trabalho com as crianças, proporcionando-lhe diversas experiências e novas aprendizagens para que essas assimilem os diversos conteúdos e assim, atinjam os vários níveis de aprendizagem. Posso concluir também que, ao longo das duas práticas que realizei e da investigação realizada no presente trabalho, verifiquei que é essencial que exista uma estreita relação de cooperação entre a/o creche/jardim de infância e a família, visto que são dois contextos sociais que contribuem para a educação das crianças.

5 - Bibliografia

- AIRES, L. (2011). *Paradigma qualitativo: Práticas de investigação educacional*. (1ª edição). Lisboa: Universidade Aberta;
- ALENCAR, A. (2012). Tipos de estudo e introdução à análise estatística. Acedido novembro, 26, 2015, em <http://www.ime.usp.br/~lane/home/MAE0317/AnaliseEstatisticaLane.pdf>;
- ANTIER, E. (2006). *Agressividade*. (1ª edição). Cascais: Pergaminho;
- BARDIN, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70;
- BARROS, N. (2010). *Violência nas escolas: Bullying*. Lisboa: Bertrand editora;
- BRAZELTON, T. B. & SPARROW, J. D. (2008). *A criança dos 3 aos 6 anos: o desenvolvimento emocional e do comportamento*. (4ª edição). Barcarena: Editorial Presença;
- CAPELÃO, L. (n.d.). Sobre planeamento de pesquisa – classificação: estudos exploratórios. Acedido novembro, 26, 2015, em http://www.leticiaapelao.com/Webquest_Pesquisa_Mercado/fontesestudoexploratorio.htm;
- CORDEIRO, M. (2012). *O livro da criança: do 1 aos 5 anos*. (6ª edição). Lisboa: A esfera dos livros;
- FARANGO, C. C. & FOFONCA, E. (n.d.). Do rigor metodológico à descoberta de um caminho de significações. *A análise de conteúdo na perspectiva de Bardin*. Acedido novembro, 23, 2015, em <http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/007.pdf>;
- FERREIRA, L. D. & WIEZZEL, A. C. (2009). Entre os fatores emocionais e ambientais. *Agressividade Infantil*. Acedido novembro, 17, 2015, em intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/download/.../1534;
- HABER, J. & GLATZER, J. (2009). *Bullying: manual anti-agressão*. (1ª edição). Alfragide: Casa das letras;
- LIUBLINSKAIA, A. A. (1979). *Desenvolvimento psíquico da criança*. (1ª edição). Lisboa: Editorial Notícias;
- MAIA, L. (2011). *Educar sem bater: um guia prático para pais e educadores*. Lisboa: Factor;
- MARQUES, S. (n.d.). Algumas considerações sobre a entrevista semi-directiva. Portefólio SIP IV. Acedido novembro, 26, 2015, em

<http://portfoliosip.webnode.pt/news/algumas%20considera%C3%A7%C3%B5es%20sobre%20a%20entrevista%20semi-directiva/>;

- MORRIS, D. (2011). *O desenvolvimento da criança: como pensa, aprende e cresce nos primeiros anos*. (1ª edição). Lisboa: Circulo de leitores;
- NUNES, E. & BREDAS, J. (2010). *Manual para uma alimentação saudável em jardim de infância*. Lisboa: Direção Geral de Saúde;
- OLIVEIRA, J. (2014). *Amostragem por conveniência*. Prezi. Acedido novembro 9, 2015, em <https://prezi.com/iy62g3karhs/amostragem-por-conveniencia/>;
- PEREIRA, B. O. (2002). *Para uma escola sem violência: Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. (1ª edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;
- RIDEAU, Dr. A. (1997). *Psicologia moderna: 400 dificuldades e problemas das crianças*. Lisboa: Verbo;
- RODRIGUES, A. P. F. (2010). *Agressividade em crianças – um estudo em contexto pré-escolar*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho. Braga, Portugal;
- RODRIGUES, S. C. C. et al. (2013). *A importância do contacto com a natureza em crianças com perturbações de comportamento*. *Educação Orgânica*. Girassol. Acedido novembro 9, 2015, em <http://www.girassol.pt/a-importancia-do-contacto-com-a-natureza-em-criancas-com-perturbacoes-de-comportamento/>;
- ROEGIERS, J. K. X. (1993). *Metodologia da recolha de dados: Fundamentos dos métodos de observações, de questionários, de entrevistas e de estudo de documentos*. Lisboa: Instituto Piaget;
- SÉVÉRIN, G & DUPONT, S. (1982). *O meu filho no jardim-infantil*. (2ª edição). Porto: Porto Editora;
- STRECHT, P. (2008). *A minha escola não é esta: Dificuldades de aprendizagem e comportamento em crianças e adolescentes*. Lisboa: Assírio & Alvim;
- TIRIBA, L. (2010). *Crianças da natureza*. Ministério da Educação. Acedido novembro 9, 2015, em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6679-criancasdanatureza&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192;
- WINNICOTT, D. W. (1993). *Conversas com os pais*. Lisboa: Terramar;

6- Anexos

Anexo I – Estrutura do Guião de Entrevista

Estrutura do Guião de Entrevista		
Blocos do guião da entrevista	Objetivos	Questões do guião da entrevista
- Caracterização da amostra.	- Caracterizar a amostra selecionada	- Sexo; Idade; Exerce num Jardim de Infância de cariz público ou privado?; Anos de exercício; Quais as faixas etárias com que trabalha atualmente?
- Caracterização sobre agressividade e comportamentos agressivos.	- Clarificar o que os educadores entendem por comportamentos agressivos e em que situações estes emergem;	- Como define a agressividade das crianças em idade pré-escolar?; - Tendo em conta situações do quotidiano escolar, de onde podem emergir os comportamentos agressivos das crianças?; - Na sua opinião, a que fatores pode atribuir o aparecimento de comportamentos agressivos nesta idade?
- Estratégias que o educador concebe para evitar e atenuar os comportamentos agressivos das crianças.	- Identificar que estratégias o educador concebe e implementa face à manifestação de comportamentos agressivos por parte das crianças.	- Existem crianças agressivas na sala em que trabalha? Quantas?; - De um modo geral, as crianças mais agressivas são do sexo masculino ou feminino?; - Tendo em conta as crianças referidas como agressivas, exemplifique alguns casos/situações de agressividade com que se tenha deparado; - Que estratégias concebeu para atenuar esses comportamentos?; - Posteriormente, que estratégias concebeu para prevenir o surgimento de novos comportamentos agressivos?;

		<ul style="list-style-type: none">- Considera que existem situações em que a agressividade das crianças possa ser uma reação positiva? Em que medida?;- De um modo geral, quando uma criança é agressiva com outra, que estratégias utiliza para atenuar esse comportamento?;- Tendo em conta as características das crianças com que trabalha, que estratégias considera mais eficazes para prevenir a ocorrência de comportamentos agressivos entre elas?- Relativamente à instituição educativa, considera que pode ter algum papel na prevenção dos comportamentos agressivos? De que modo?
--	--	--

Anexo II – Guião das entrevistas



Instituto Politécnico de Santarém
Escola Superior de Educação de Santarém



Mestrado em Educação Pré-Escolar

“Manifestações de comportamentos agressivos em idade pré-escolar”

Esta entrevista tem como objetivos conhecer os comportamentos agressivos de crianças em idade pré-escolar e as estratégias que o educador concebe para superar e contornar esses comportamentos. A pesquisa insere-se num trabalho de investigação no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, estando garantidos o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos. A sua cooperação é muito importante, pelo que solicito que responda de forma cuidada e sincera a todas as questões.

Guião da entrevista

1- Caracterização da amostra

- 1.1 - Sexo
- 1.2 - Idade
- 1.3 - Exerce num Jardim de Infância de cariz público ou privado?
- 1.4 - Anos de exercício
- 1.5 - Quais as faixas etárias com que trabalha atualmente?

2- Caracterização sobre agressividade e comportamentos agressivos

- 2.1 – Como define a agressividade das crianças em idade pré-escolar?
- 2.2 – Tendo em conta situações do quotidiano escolar, de onde podem emergir os comportamentos agressivos das crianças?

2.3 - Na sua opinião, a que fatores pode atribuir o aparecimento de comportamentos agressivos nesta idade?

3- Estratégias que o educador concebe para evitar e atenuar os comportamentos agressivos das crianças

3.1 - Existem crianças agressivas na sala em que trabalha? Quantas?

3.2 – De um modo geral, as crianças mais agressivas são do sexo masculino ou feminino?

3.3 – Tendo em conta as crianças referidas como agressivas, exemplifique alguns casos/situações de agressividade com que se tenha deparado.

3.3.1 – Que estratégias concebeu para atenuar esses comportamentos?

3.3.2 – Posteriormente, que estratégias concebeu para prevenir o surgimento de novos comportamentos agressivos?

3.4 – Considera que existem situações em que a agressividade das crianças possa ser uma reação positiva? Em que medida?

3.5 – De um modo geral, quando uma criança é agressiva com outra, que estratégias utiliza para atenuar esse comportamento?

3.6 – Tendo em conta as características das crianças com que trabalha, que estratégias considera mais eficazes para prevenir a ocorrência de comportamentos agressivos entre elas?

3.7 – Relativamente à instituição educativa, considera que pode ter algum papel na prevenção dos comportamentos agressivos? De que modo?

Agradeço a sua disponibilidade e cooperação para responder a estas questões!

Anexo III – Transcrição da entrevista à Educadora A



Instituto Politécnico de Santarém
Escola Superior de Educação de Santarém



Mestrado em Educação Pré-Escolar

“Manifestações de comportamentos agressivos em idade pré-escolar”

Esta entrevista tem como objetivos conhecer os comportamentos agressivos de crianças em idade pré-escolar e as estratégias que o educador concebe para superar e contornar esses comportamentos. A pesquisa insere-se num trabalho de investigação no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, estando garantidos o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos. A sua cooperação é muito importante, pelo que solicito que responda de forma cuidada e sincera a todas as questões.

Guião da entrevista (Respostas)

1- Caracterização da amostra

1.1 – Sexo

Resposta: Feminino

1.2 – Idade

Resposta: 55 anos

1.3 - Exerce num Jardim de Infância de cariz público ou privado?

Resposta: Público

1.4 - Anos de exercício

Resposta: 35 anos

1.5 - Quais as faixas etárias com que trabalha atualmente?

Resposta: 3, 4 e 5 anos

2- Caracterização sobre agressividade e comportamentos agressivos

2.1 – Como define a agressividade das crianças em idade pré-escolar?

Resposta: Tenho dificuldade em dizer que as crianças em idade pré-escolar são agressivas, a não ser em alguns casos muito especiais em que pode haver alguma perturbação no seu desenvolvimento psicológico. Agora, é assim, os comportamentos agressivos, eu acho que são chamadas de atenção da criança, que alguma coisa não está bem. Pode não estar bem a nível físico, a nível mental ou pode não estar bem no contexto que a rodeia, quer seja o Jardim de Infância, quer seja a família. Portanto, eu acho que uma manifestação de agressividade numa criança é sempre uma chamada de atenção, à qual nós adultos devemos dar atenção e perceber o porquê. Porque à partida, evidentemente, quase todas as crianças tem impulsos naturais, quase que também são de alguma frustração e de procura de satisfação das suas necessidades básicas, numa primeira fase e posteriormente necessidades intelectuais e outras que vão surgindo. Nestes impulsos, as crianças podem ter comportamentos menos adequados. Agora, daí até chamar agressividade, eu não concordo muito. Embora pense, se há comportamentos desadequados, que nós podemos dizer mais agressivos, que interferem com outros e com elas próprias, a criança tenta dizer “algo não está bem comigo” e pede ajuda.

2.2 – Tendo em conta situações do quotidiano escolar, de onde podem emergir os comportamentos agressivos das crianças?

Resposta: Penso que podem emergir do contexto, onde a criança está, não estar a satisfazer as suas necessidades e os seus interesses. E podem emergir, também, de si própria, da história que tem. Por exemplo, crianças que ouvem mal, tem comportamentos, que podemos dizer que são agressivos, porque é a procura deles em conhecer o meio. O ouvir mal, ver mal ou ter uma dor pode fazê-las reagir com (...), até a nós adultos nos faz. Podem surgir do meio social, da interação com os adultos, do mundo que os rodeia. Daí podem surgir comportamentos agressivos.

No quotidiano escolar, se pusermos de parte todas essas questões que tem uma origem física, biológica e passarmos mais para as questões do foro sócioafetivo, eu acho que é quando as crianças não compreendem o contexto,

não se sentem bem nele, não se conseguem relacionar bem com os seus para e com os adultos. Portanto, podem surgir, nesse sentido, comportamentos de algum descontrole por parte da criança que nós podemos chamar agressividade. É um descontrole sócio motor.

2.3 - Na sua opinião, a que fatores pode atribuir o aparecimento de comportamentos agressivos nesta idade?

Resposta: Penso que já respondi um bocadinho. Podem haver fatores, de ordem interna, por parte da criança. Eu acho que acontece muito nestas idades, sobretudo, eu tenho a minha experiência associada a esses comportamentos, quando as crianças tem perturbações de audição, as crianças tem dores o que faz com que fiquem um bocadinho instáveis. Por isso, devemos ter muita atenção a isso. Quando uma criança começa com um comportamento de mais instabilidade, mais irritabilidade perante os outros e perante o grupo, eu penso sempre “Espera aí, o que é que se passa contigo? Estás a ouvir bem? Será que te dói alguma coisa? Será que tens algum mau estar físico? “. Esta é sempre a minha primeira questão. Depois penso sempre, também depende da criança e das reações que tem, em perceber o ponto de vista do grupo, o que acham que o está a perturbar, para solucionar o problema.

3- Estratégias que o educador concebe para evitar e atenuar os comportamentos agressivos das crianças

3.1 - Existem crianças agressivas na sala em que trabalha? Quantas?

Resposta: Eu acho que a primeira coisa na vida de um Jardim de Infância e do grupo é que todos compreendam quais são as regras de funcionamento, compreendam bem como é que se organiza a turma, como é que se organiza o tempo, as regras que se vão instituindo para que as coisas decorram com ordem. Estas regras não devem ser muito impostas, devem ser aperfilhadas pela criança, percebidas, compreendidas. Se as crianças compreenderem a rotina, de como é que as coisas decorrem, ocorre muito menos instabilidade. Este é um percurso que as crianças vão fazendo ao longo do ano. Se as crianças se sentirem seguras são menos agressivas. Temos de passar a

confiança às crianças, onde os adultos devem ser a sua autoridade (considerada como palavra positiva), pois eles estão à espera de alguém que lhes imponha limites, para eles se conhecerem e de se autocontrolarem. Nestas idades, a autoridade dos adultos vai ajudá-los a apropriarem-se do funcionamento do meio. O adulto também deve ser afetuoso, pois ajuda bastante.

Não posso considerar que existam, no grupo, crianças agressivas. Acho que existem algumas crianças que tem uns comportamentos menos estáveis, mais provocadores, mas sobretudo que são mais da necessidade duma aproximação ao outro que ainda não é muito adequada e não sabem como fazê-la. Às vezes até podem querer dar um abraço, que dão um abraço tão grande que o outro acha que é uma agressão. Pois, eles ainda não tem muito esse controle motor e afetivo em relação ao outro, que lhes permitem que as coisas sejam fáceis. Depois isto é muito repetitivo em algumas crianças, estão sempre “a picar o outro”, “a puxar o outro”, o que cria no outro o “não gostar”. Estas situações, assim um bocadinho (...), começam a criar rótulos “este miúdo está sempre a ser chato”. Eu já tive na minha vida profissional crianças que tinham comportamentos tão desadequados que magoavam os outros. Aqui pode haver uma parte mais parecida com agressividade. Já conheci crianças que tinham, de facto, perturbações ao nível das Necessidades Educativas Especiais e que eram crianças de Intervenção Precoce que não tinham um percurso igual ao da maioria das outras crianças. No Jardim de Infância, de um modo geral, sem ser nesses casos de perturbações específicas, não acho que exista agressividade. Mas isso também pode ter a ver comigo, que não deixo que isso ocorra. Com os contextos que se criam e como as coisas correm dentro desses contextos, pois já sabem até onde é que podem ir ou não podem ir.

3. 2 – De um modo geral, as crianças mais agressivas são do sexo masculino ou feminino?

Resposta: Eu já trabalho há 35 anos e assim, um pouco empiricamente, que não fiz um estudo muito aprofundado, é uma sensação, que quando eu comecei a trabalhar, os grupos com rapazes criavam mais situações de

conflitos. Haviam mais rapazes que criavam situações que provocavam mau estar aos outros. Atualmente, não noto grande diferença entre sexos. Eu acho que isso tem a ver com uma questão mais ampla, porque eu acho que as raparigas e os rapazes tem, atualmente, sido educados de uma forma mais igual. E acho que há 35 anos atrás ainda não era aceite que uma menina fosse reguila e fosse agressiva, enquanto que no rapaz não era nada mal aceite, pois era um homem e tinha de ter força. Atualmente, isto tem sido esbatido, existe igualdade na educação de rapazes e raparigas. Embora haja ainda muito a fazer quanto à igualdade de género.

De um modo geral, até digo que os rapazes são menos conflituosos do que as meninas. As raparigas não praticam tanto a agressividade física, mas é muito mais a psicológica. Chegam aos 4/5 anos e começam a fazer chantagens tipo “o meu vestido é mais bonito do que o teu” ou “já não sou tua amiga”. Este tipo de agressividade psicológica, por vezes, é muito complicada. As energias deles podem ser canalizadas para outras atividades. Estas ações exigem uma ação mais complexa, do que os outros que se batem, que as energias devem ser canalizadas para bater na plasticina, ao passo que os outros comportamentos de agressividade psicológicos são mais complicados e as raparigas são mais peritas nisso.

3.3 – Tendo em conta as crianças referidas como agressivas, exemplifique alguns casos/situações de agressividade com que se tenha deparado.

Resposta: Eu já tive uma criança há uns anos atrás, com três anos, que não sei como cresceu e se organizou, que era filho de pais com idades para serem avós dessa criança. Ele chegou ao Jardim de Infância e batia na mãe e dava pontapés e esperneava e fazia uma chantagem incrível com a mãe. Dentro do Jardim de Infância também era muito... atirava as coisas dos outros, pronto, causava muito conflito. E era uma criança que se nós tentéssemos agarrar esbracejava, esperneava, pronto... Essa criança lembra-me que foi na minha prática, chamava-se João Pedro, já foi há muitos anos, foi talvez a criança que vi que estava mais descontrolada. Mas eu acho que havia ali, de facto, naquele contexto familiar, uma situação de uma super proteção tão grande, uma falta de regras com a criança, que ela fazia o que queria. Falei com a

mãe. Depois foi detectado que, no Jardim de Infância, ele mordida muito nos outros o que originou problemas por parte dos outros pais, pois todos iam marcados pelo mesmo menino, o que era uma chatice. Agora, não sei se isso pode ser entendido como agressividade. Porque eu acho que é um comportamento desadequado mas é ainda uma construção deles em termos de crescimento, imaturidade, descontrolo socioafetivo, emocional e motor que depois pode ser trabalhado. E, eu lembro-me dessa criança, e acho que não, assim, de mais outros casos de agressividade, Agora, bater no outro também é uma coisa normalíssima nestas idades. Eles, se calhar também já levaram algumas, por isso é um comportamento que eles reproduzem, se não, é um instinto de defesa primário, que eles ainda estão a aprender a trabalhar intelectualmente.

3.3.1 – Que estratégias concebeu para atenuar esses comportamentos?

Resposta: As estratégias é assim, nós vamos tentando. No principio, eu acho que é muito importante o contacto físico com crianças que tem algum descontrolo motor. Devo agarrá-lo abraçá-lo no sentido de perceber que “eu estou aqui”, “podes contar comigo”. Eu usava essas estratégias quando me sentia mais instável, quando a criança estava completamente perdida e descontrolada. Agarrava-a, tentava contê-la, um bocadinho, fisicamente. E depois tentava que ela fizesse algumas atividades que eu achava que a podiam acalmar, sei lá, plasticina ou barro são ótimas. O jogo dos picos é ótimo para acalmar, enquanto ele está ali a fazer aquilo, que não exige grande concentração, se bem que alguns às vezes até complexificam, acaba por ser um momento de pausa, em que as mãos fazem alguma coisa, a cabeça relaxa ou pensa. Eu acho que acalma os miúdos. Depois é saber que quem não cumpre as regras não tem os mesmos direitos de fazer outras coisas giras que os outros fazem. E, portanto, eu aí faço também um bocadinho de alguma chantagem para regular “tu cumpres as regras, estás no grupo!” “e tu não cumpres as regras, não podes participar nalgumas coisas”. As regras são para todos, portanto, é tipo o princípio da prisão, “não cumpres as regras, vais preso”. É um bocadinho a questão da justiça. Mas tentar que eles percebam isso, falar com eles “tu não fizeste isto ou não foste connosco

andar de triciclo, que tu gostas tanto, porque, de facto, não te comportaste bem naquele sitio”. Tens de centrar mais o discurso no comportamento do que em eles próprios. Eu acho que não se deve dizer às crianças “tu és mau”, “ninguém te atura”. Agora deve dizer-se “esse comportamento não foi certo por isto...” . Centrar mais naquilo que eles fizeram e não naquilo que eles são. Portanto, eu acho que é muito importante tentar não “pôr” rótulos, porque quando se põe rótulos, até o rótulo de reguila, que é uma coisa ternurenta, parecendo que não estamos ali a contribuir para que ele até se sintam bem naquele comportamento. Devemos refletir que por vezes, não é por aí o melhor caminho. Mas pronto, temos de ter alguma flexibilidade.

3.3.2 – Posteriormente, que estratégias concebeu para prevenir o surgimento de novos comportamentos agressivos?

Resposta: Aqui a Mena já respondeu, em parte. (resposta anterior)

3.4 – Considera que existem situações em que a agressividade das crianças possa ser uma reação positiva? Em que medida?

Resposta: A Mena considera que a agressividade é uma reação positiva. Sim, quer dizer é uma reação que eu acho que não é adequada. Mas que, pode ser uma reação que nos faz olhar para ele e perceber “o que é que tu precisas”. Portanto, em principio a agressividade pode ser natural, em determinada fase, mas depois, assim na fase dos 3 anos, quando eles vem para o Jardim de Infância já tem uma capacidade de pensamento diferente. Portanto, a partir daí, eu acho que se há comportamentos de agressividade, que eles tem de sentir que não são adequados e que tem de reformula-los e nós temos de ajudar nesse aspeto.

(explicação da expressão do autor “gato sapato”) – Nós podemos ver a agressividade de uma perspetiva positiva como um comportamento de superação das dificuldades, no sentido de concretizar algo que se quer. Agora, se essa agressividade passa por se maltratar a si próprio ou os outros, se passar por cima dos outros para alcançar os seus objetivos, não é uma coisa adequada. Mas é uma forma de dizer qualquer coisa “eu nunca consigo concretizar os meus objetivos e quero que me ajudes a encontrar uma

adequada de concretizá-los. Agora, também podemos achar agressividade, simbolicamente, onde é uma pessoa que luta pelo que quer, nesse aspeto pode não ser uma coisa negativa. Pode ser bom, portanto é uma questão de conceito e definir bem o que é o conceito.

3.5 – De um modo geral, quando uma criança é agressiva com outra, que estratégias utiliza para atenuar esse comportamento?

Resposta: Geralmente, chamar à atenção, tentar ... Há certos comportamentos que temos de evitar ter para evitar que surjam as situações. Por exemplo, eu sei que, há uma criança instável em relação aos comportamentos dos outros, que é o Tomás, situações em que ele pica muito mais os outros, que é quando estamos todos, em grande grupo, no tapete, quando está em atividades mais livres no recreio. E aí, eu posso pensar “o que é que eu posso fazer nestas situações para que a coisa corra melhor?”. Quando não corre tão bem, como já uma criança que já tem 5 anos, e que está muito melhor, ele tem noção quando tem comportamentos desadequados e fica um pouco chateado com ele próprio, porque já sabe que vai ser advertido ou qualquer coisa. Aí eu chamo-o à atenção e vai fazer atividades para as áreas para acalmar e é retirado do grupo, se perturba demais. Agora, também não considero que ele seja muito agressivo. Ele é mais provocador, mais na brincadeira do que propriamente por mal. Ele agarra os outros, mas também é aquela coisa de brincar às lutas. Eu acho que é brincar, mas às vezes as coisas não correm muito bem, magoa e interfere na liberdade e bem-estar dos outros. Aí eu tenho de servir um pouco de polícia e dizer “agora vais ficar neste sitio em vez de ires para aquele”. Esta é a estratégia que eu utilizo, se bem que eu acho que tem vindo a acalmar, mas penso que, no 1º ciclo, ele dentro da sala vai ter um comportamento adequado, mas nos recreios vais ter muitas queixinhas dos outros e a professora vai perceber que fazem sempre queixinhas deles e vai pô-lo de castigo e pode não correr muito bem depois para todas as áreas. Não acho que ele chega agressivo, acho que ele não faz para magoar, faz parte da brincadeira, da forma de estar. Até, porque ele é uma criança muito meiga com os outros e comigo. Ele fica arrependido e não tem problema em pedir desculpa. Existem crianças

agressivas que não pedem desculpa por nada, pois não conseguem sair desse mau estar e do mau estar que provocam nos outros.

3.6 – Tendo em conta as características das crianças com que trabalha, que estratégias considera mais eficazes para prevenir a ocorrência de comportamentos agressivos entre elas?

Resposta: Eu acho que a estratégia mais importante é promover a criança. É quando ela sente que é mais ouvida, tem mais responsabilidades, tem mais coisas para fazer, tem mais tarefas. Se a criança estiver mais ocupada com coisas que ela compreenda e que sejam concretas tem “menos tempo para chatear os outros”. Isso nós temos que tentar criar... No recreio, também temos de tentar perceber se há matérias para todos ou não, se consegue os materiais para o que quer fazer, pois às vezes há condições de espaço que podem dificultar as relações entre os meninos. Imagina... se eles tem de lutar pelas pás, lutar para ter o balde, ter o triciclo que querem, se é uma material, é normal que as crianças tentem furar para conseguirem o que querem. Portanto, eu tento que a criança tenha tempos de espera da sua vez, mas também que consiga corresponder aos seus interesses e necessidades para ter menos situações. Portanto, a organização do espaço, dos materiais e das regras podem ser muito importantes para que existam menos conflitos. E o papel do educador é prevenir essas situações, organizando o espaço, os materiais, os tempos que eles tem nas atividades, de forma a provocar menos situações. Se estiver sempre interessada na atividade está menos conflituosa do que se for uma atividade que é uma chatice e ela não tem vontade nenhuma de a fazer. Está um pouco no papel do educador ocupar a criança física e mentalmente numa coisa que eles gostem.

3.7 – Relativamente à instituição educativa, considera que pode ter algum papel na prevenção dos comportamentos agressivos? De que modo?

Resposta: Acho que há muito trabalho a fazer nas instituições. Às vezes, as próprias instituições não tem condições de espaço e materiais que façam com que as crianças tenham oportunidades melhores.

Agora no final do ano nós montamos as piscinas. O contacto com a água é algo que acalma imenso as crianças, promove uma interação extremamente positiva entre elas. Todas as crianças que tem comportamentos mais provocadores estiveram espetaculares nas piscinas.

Por vezes, as condições do espaço não tem como demover a ocorrência dessas situações. E depois é preciso perceber que os adultos também não são todos os que seriam precisos para dar a atenção mais adequada às crianças. Às vezes os grupos são grandes e não há um número maior de adultos para dar uma atenção mais próxima a cada um, para conversar com cada um, para podê-los ouvir individualmente. Depois nos casos mais complicados não há apoios de psicologia, de educação especial, de terapias da fala, de terapias ocupacionais. É muito complicado conseguir essas áreas multidisciplinares que olhem para esses casos mais disciplinares.

Agradeço a sua disponibilidade e cooperação para responder a estas questões!

Anexo IV – Transcrição da entrevista à Educadora B



Instituto Politécnico de Santarém
Escola Superior de Educação de Santarém



Mestrado em Educação Pré-Escolar

“Manifestações de comportamentos agressivos em idade pré-escolar”

Esta entrevista tem como objetivos conhecer os comportamentos agressivos de crianças em idade pré-escolar e as estratégias que o educador concebe para superar e contornar esses comportamentos. A pesquisa insere-se num trabalho de investigação no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, estando garantidos o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos. A sua cooperação é muito importante, pelo que solicito que responda de forma cuidada e sincera a todas as questões.

Guião da entrevista (Respostas)

1- Caracterização da amostra

1.1 – Sexo

Resposta: Feminino

1.2 – Idade

Resposta: 41 anos

1.3 - Exerce num Jardim de Infância de cariz público ou privado?

Resposta: Privado

1.4 - Anos de exercício

Resposta: 20 anos

1.5 - Quais as faixas etárias com que trabalha atualmente?

Resposta: 3 – 4 anos

2- Caracterização sobre agressividade e comportamentos agressivos

2.1 – Como define a agressividade das crianças em idade pré-escolar?

Resposta: Para mim a agressividade são comportamentos, atitudes e ações que as crianças tem em relação a outras crianças, a objetos da sala no meio

escolar e até para com os adultos mais próximos. Esses comportamentos são fora daquilo que é esperado.

2.2 – Tendo em conta situações do quotidiano escolar, de onde podem emergir os comportamentos agressivos das crianças?

Resposta: Estes comportamentos podem surgir da dificuldade que a criança tem em se afirmar, não estar habituada a estar com outras crianças em meio escolar.

2.3 - Na sua opinião, a que fatores pode atribuir o aparecimento de comportamentos agressivos nesta idade?

Resposta: Estes comportamentos podem aparecer pelo facto da criança ter uma baixa resistência à frustração, não saber os seus limites, não ter regras, não gostar de ser contrariada ou ter qualquer coisa que a preocupe ou que a incomode.

3- Estratégias que o educador concebe para evitar e atenuar os comportamentos agressivos das crianças

3.1 - Existem crianças agressivas na sala em que trabalha? Quantas?

Resposta: Sim, duas ou três.

3.2 – De um modo geral, as crianças mais agressivas são do sexo masculino ou feminino?

Resposta: Do sexo masculino.

3.3 – Tendo em conta as crianças referidas como agressivas, exemplifique alguns casos/situações de agressividade com que se tenha deparado.

Resposta: Baterem de forma agressiva noutra criança, estragar os trabalhos dos outros colegas, destruir brinquedos da sala, tentar magoar outra criança com os talheres no refeitório, durante a refeição. Utilizar constantemente brinquedos de faz de conta que estão a ser pistolas, a ser facas, portanto, estar constantemente à briga umas com as outras.

3.3.1 – Que estratégias concebeu para atenuar esses comportamentos?

Resposta: Falar com eles, explicar-lhes o que devem e o que não devem fazer, criar jogos e brincadeiras que transmitam de uma forma lúdica e ao mesmo tempo pedagógica a informação que se pretende. Separá-los em determinadas atividades das crianças com que apresentavam esses determinados comportamentos.

3.3.2 – Posteriormente, que estratégias concebeu para prevenir o surgimento de novos comportamentos agressivos?

Resposta: Estabelecer regras claras entre todos os intervenientes no projeto educativo todo, educadores, auxiliares, pais... Para irem todos para o mesmo caminho.

3.4 – Considera que existem situações em que a agressividade das crianças possa ser uma reação positiva? Em que medida?

Resposta: Penso que não. Porque para mim a agressividade são sempre comportamentos negativos.

3.5 – De um modo geral, quando uma criança é agressiva com outra, que estratégias utiliza para atenuar esse comportamento?

Resposta: Falar com ela, tentar perceber o motivo de tal comportamento, explicar-lhe a importância de pedir desculpa e estar atenta. Quando esses comportamentos continuam é fundamental falar com os pais, para que em conjunto se tente ajudar a criança a mudar os seus comportamentos. E, por vezes, é importante ver os aspetos positivos ou realçar os comportamentos positivos dessa criança. Não só estar sempre a dizer-lhe “tu fizeste mal isto, tu fizeste mal aquilo”, mas realçar as vezes em que fez alguma coisa bem ou que teve algum comportamento positivo, ou seja, reforçar.

3.6 – Tendo em conta as características das crianças com que trabalha, que estratégias considera mais eficazes para prevenir a ocorrência de comportamentos agressivos entre elas?

Resposta: Estabelecer regras de convivência nos diferentes espaços, penso que é o fundamental.

3.7 – Relativamente à instituição educativa, considera que pode ter algum papel na prevenção dos comportamentos agressivos? De que modo?

Resposta: Penso que não. Porque a agressividade que aqui temos encontrado são casos pontuais, então penso que não há nada de muito grave exija tomar medidas mais fortes.

***Nota** – Depois de terminada a entrevista, em conversa com a educadora, esta contou um episódio de agressividade que vivenciou no primeiro ano que exerceu, que ainda hoje recorda como um dos episódios que mais a marcou.

Episódio: “Durante a manhã a criança foi várias chamada à atenção para não imaginar que, todos os objetos em que pegava, eram pistolas ou facas e para não magoar os colegas. No seguimento das chamadas de atenção ia retirando os objetos à criança. Seguiu-se o momento do almoço. Já para que a criança não usasse a faca “verdadeira” para magoar os colegas retirei-lha, ficando apenas com a colher e o garfo para poder comer, pensando que ia prevenir uma situação de agressividade. Quando não é o meu espanto quando a vejo colocar uma bola de papel no prato da sopa do colega do lado, para que este a engolisse e se engasgasse. Ao ver esta situação retirei a criança daquela mesa e coloquei-a numa mesa sozinha e falei com ela. Coloquei-a sozinha para que pudesse pensar no comportamento que teve para com o colega e para que ao ver os colegas todos nos seus lugares pudesse refletir sobre a sua ação, chegar à conclusão que agiu de má fé e que se voltasse a fazer o mesmo ficaria novamente sozinho, a comer, numa mesa.

A criança comeu na mesa sozinha durante alguns dias, voltando depois para uma mesa juntamente dos colegas. Mas não ficou junto ao colega que tentou prejudicar.

Esta criança agia de má fé, só estava bem a magoar os colegas.”

Agradeço a sua disponibilidade e cooperação para responder a estas questões!

Anexo V – Transcrição da entrevista à Educadora C



Instituto Politécnico de Santarém
Escola Superior de Educação de Santarém



Mestrado em Educação Pré-Escolar

“Manifestações de comportamentos agressivos em idade pré-escolar”

Esta entrevista tem como objetivos conhecer os comportamentos agressivos de crianças em idade pré-escolar e as estratégias que o educador concebe para superar e contornar esses comportamentos. A pesquisa insere-se num trabalho de investigação no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, estando garantidos o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos. A sua cooperação é muito importante, pelo que solicito que responda de forma cuidada e sincera a todas as questões.

Guião da entrevista – (Respostas)

1- Caracterização da amostra

1.1 – Sexo

Resposta: Feminino

1.2 – Idade

Resposta: 48 anos

1.3 - Exerce num Jardim de Infância de cariz público ou privado?

Resposta: Privado

1.4 - Anos de exercício

Resposta: 26 anos

1.5 - Quais as faixas etárias com que trabalha atualmente?

Resposta: 3 anos

2- Caracterização sobre agressividade e comportamentos agressivos

2.1 – Como define a agressividade das crianças em idade pré-escolar?

Resposta: Em idade pré-escolar, acho que a agressividade das crianças não tem grande maldade, é assim inocente. Pronto, não é como nos adultos. É uma agressividade mais simples.

2.2 – Tendo em conta situações do quotidiano escolar, de onde podem emergir os comportamentos agressivos das crianças?

Resposta: No quotidiano escolar é mais fácil surgir comportamentos agressivos devido à disputa pela partilha de brinquedos, pois elas ainda são um pouco egocêntricas e não conseguem bem partilhar os brinquedos. Ou então, à recusa do cumprimento de regras existentes que eles não querem cumprir.

2.3 - Na sua opinião, a que fatores pode atribuir o aparecimento de comportamentos agressivos nesta idade?

Resposta: Eu, de maneira geral, penso que a agressividade nestas idades pode surgir devido a problemas familiares, discussões ou agressões tanto dos progenitores como de outros membros da família. Ou então, por uma grande (...) por parte dos pais. Agora, geralmente, os filhos não estão habituados a ouvir um não por parte dos pais e pensam que podem fazer tudo e ter tudo o que querem.

3- Estratégias que o educador concebe para evitar e atenuar os comportamentos agressivos das crianças

3.1 - Existem crianças agressivas na sala em que trabalha? Quantas?

Resposta: Não. Agora de momento não posso considerar que hajam crianças agressivas. Eles ainda tem três anos, são pequeninos e tem aquela agressividade normal da partilha de brinquedos, mas não mais além.

3.2 – De um modo geral, as crianças mais agressivas são do sexo masculino ou feminino?

Resposta: Masculino.

3.3 – Tendo em conta as crianças referidas como agressivas, exemplifique alguns casos/situações de agressividade com que se tenha deparado. (**como não identificou nenhum caso de agressividade solicitei que contasse uma situação que tivesse vivenciado anteriormente, em anos anteriores**)

Resposta: Eu já há muitos anos, tive uma criança na sala, que a forma de demonstrar agressividade era dando pontapés, na recusa constante de brincar com os colegas, então pontapeava-os na cara, na cabeça, no corpo... Porque ele via que fazia mal, dava pontapés em qualquer sítio por onde apanhasse a criança.

3.3.1 – Que estratégias concebeu para atenuar esses comportamentos?

Resposta: Tentava antecipar-me, para evitar as situações tão conflituosas. Quando me apercebia, desviava-lhe os centros de interesse de modo a ele focar-se noutra coisa e não entrar em disputa com os colegas.

3.3.2 – Posteriormente, que estratégias concebeu para prevenir o surgimento de novos comportamentos agressivos?

Resposta: Falava, ia falando com ele e com outras crianças para que não apresentassem comportamentos agressivos e realizava, por exemplo, fazerem jogos de ajuda, jogos de confiança, de cooperação entre os colegas e assim ele percebia que através da palavra com os colegas conseguia também atingir os objetivos, sem ser preciso a agressividade que ele usava.

3.4 – Considera que existem situações em que a agressividade das crianças possa ser uma reação positiva? Em que medida?

Resposta: Sim. Porque as crianças também tem direito a se defenderem. Durante a sua vida vão surgir várias situações de agressividade, para as quais elas também tem de estar preparadas, para si só resolverem essas situações. Porque as crianças, pronto, também tem muitas contrariedades na vida e eles tem que saber resolver sem ser com agressividade excessiva.

3.5 – De um modo geral, quando uma criança é agressiva com outra, que estratégias utiliza para atenuar esse comportamento?

Resposta: Tento falar com elas, demovendo-as com palavras e assim arranjar uma solução para esse conflito. Mais ou menos é o que costumo fazer...

3.6 – Tendo em conta as características das crianças com que trabalha, que estratégias considera mais eficazes para prevenir a ocorrência de comportamentos agressivos entre elas?

Resposta: Antecipação. Antecipar as situações conflituosas, apresentando-lhes centros de interesse menos problemáticos e que reúna mais consenso pelas crianças.

3.7 – Relativamente à instituição educativa, considera que pode ter algum papel na prevenção dos comportamentos agressivos? De que modo?

Resposta: É assim, quando surgem situações conflituosas são casos pontuais, que são resolvidos na sala de aula. Até à data não surgiram assim situações que exigissem medidas extremas, para as quais a instituição tivesse que interferir. São casos pontuais de sala, mesmo, que são resolvidos na hora.

Agradeço a sua disponibilidade e cooperação para responder a estas questões!

Anexo VI – Transcrição da entrevista à Educadora D



Instituto Politécnico de Santarém
Escola Superior de Educação de Santarém



Mestrado em Educação Pré-Escolar

“Manifestações de comportamentos agressivos em idade pré-escolar”

Esta entrevista tem como objetivos conhecer os comportamentos agressivos de crianças em idade pré-escolar e as estratégias que o educador concebe para superar e contornar esses comportamentos. A pesquisa insere-se num trabalho de investigação no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, estando garantidos o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos. A sua cooperação é muito importante, pelo que solicito que responda de forma cuidada e sincera a todas as questões.

Guião da entrevista – (Respostas)

1- Caracterização da amostra

1.1 – Sexo

Resposta: Feminino

1.2 – Idade

Resposta: 59 anos

1.3 - Exerce num Jardim de Infância de cariz público ou privado?

Resposta: Público

1.4 - Anos de exercício

Resposta: 34 anos

1.5 - Quais as faixas etárias com que trabalha atualmente?

Resposta: 3,4 e 5 anos

2- Caracterização sobre agressividade e comportamentos agressivos

2.1 – Como define a agressividade das crianças em idade pré-escolar?

Resposta: Na agressividade, sempre há meninos uns mais meigos e outros mais agressivos. Mas dentro do meu contexto, os miúdos que entram

rebeldes, pronto, em pouco tempo melhoram o seu comportamento no contexto e melhoram as suas atitudes e a agressividade tende a melhorar.

2.2 – Tendo em conta situações do quotidiano escolar, de onde podem emergir os comportamentos agressivos das crianças?

Resposta: Pronto, da disputa de materiais, do desmanchar de uma brincadeira, do competir uma corrida ou jogo, às vezes vem um “brigazita”. Mas tudo se resolve com paciência, com calma e com uma conversinha meiga.

2.3 - Na sua opinião, a que fatores pode atribuir o aparecimento de comportamentos agressivos nesta idade?

Resposta: Pronto, aos miúdos mais rebeldes, miúdos que não são tão passivos, nem tão compreensivos.

3- Estratégias que o educador concebe para evitar e atenuar os comportamentos agressivos das crianças

***Comentário da educadora:** “Converso sempre com eles, que é o primeiro ponto de partida e sempre que possível pensar um bocadinho na vida, refletir a atitude menos boa que teve.”

3.1 - Existem crianças agressivas na sala em que trabalha? Quantas?

Resposta: Sim. Tenho duas, principalmente, um bocadinho agressivas. Dois meninos.

3.2 – De um modo geral, as crianças mais agressivas são do sexo masculino ou feminino?

Resposta: São do sexo masculino. As meninas postam-se sempre melhor e são mais meigas.

3.3 – Tendo em conta as crianças referidas como agressivas, exemplifique alguns casos/situações de agressividade com que se tenha deparado.

Resposta: Tenho um menino de 5 anos, bastante corpolento que não tolera de modo nenhum desmancharem-lhe o jogo, a brincadeira, o puzzle que está a construir. E, por vezes, os meninos de 3 anos gostam muito de desmanchar o trabalho dos outros. No recreio é o competir, corrida, jogos de bola, em que os pequeninos, por vezes, estragam o trabalho dos mais velhos. O mais velho não é tolerante e “toca” um “empurrãozinho”, um “sopapinho”, uma “batidela” ou uma “rasteirada”.

3.3.1 – Que estratégias concebeu para atenuar esses comportamentos?

Resposta: Procuo sempre falar com essa criança mais velha. Que tem de ser tolerante com os mais pequenos, tem que pensar na atitude menos boa que teve e fazê-lo pedir desculpa depois de refletir.

3.3.2 – Posteriormente, que estratégias concebeu para prevenir o surgimento de novos comportamentos agressivos?

Resposta: Tem que pensar sempre na vida, depois de uma atitude menos boa. E dá bastante resultado.

3.4 – Considera que existem situações em que a agressividade das crianças possa ser uma reação positiva? Em que medida?

Resposta: Na medida em que eles vão-se desenrascando, vão fazendo a lei da sobrevivência. Mas, eu na minha sala não gosto muito deste tipo de comportamentos. Considero uma reação negativa.

3.5 – De um modo geral, quando uma criança é agressiva com outra, que estratégias utiliza para atenuar esse comportamento?

Resposta: É sempre com conversa. Pensar naquilo que fez de mal, refletir e pedir desculpa.

3.6 – Tendo em conta as características das crianças com que trabalha, que estratégias considera mais eficazes para prevenir a ocorrência de comportamentos agressivos entre elas?

Resposta: Todas elas, eu tenho um grupo com 22 crianças, são bastante calmas. Tenho 11 rapazes e 11 raparigas. Normalmente, só se nota uma certa agressividade, principalmente, no recreio, no repartir dos materiais.

3.7 – Relativamente à instituição educativa, considera que pode ter algum papel na prevenção dos comportamentos agressivos? De que modo?

Resposta: Sim, criando regras, regras definidas com as crianças na sala, com o que posso fazer e não posso fazer.

Agradeço a sua disponibilidade e cooperação para responder a estas questões!

Anexo VII – Transcrição da entrevista à Educadora E



Instituto Politécnico de Santarém
Escola Superior de Educação de Santarém



Mestrado em Educação Pré-Escolar

“Manifestações de comportamentos agressivos em idade pré-escolar”

Esta entrevista tem como objetivos conhecer os comportamentos agressivos de crianças em idade pré-escolar e as estratégias que o educador concebe para superar e contornar esses comportamentos. A pesquisa insere-se num trabalho de investigação no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, estando garantidos o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos. A sua cooperação é muito importante, pelo que solicito que responda de forma cuidada e sincera a todas as questões.

Guião da entrevista – (Respostas)

1- Caracterização da amostra

1.1 – Sexo

Resposta: Feminino

1.2 – Idade

Resposta: 47 anos

1.3 - Exerce num Jardim de Infância de cariz público ou privado?

Resposta: Publico

1.4 - Anos de exercício

Resposta: 25 anos

1.5 - Quais as faixas etárias com que trabalha atualmente?

Resposta: 3, 4 e 5 anos

2- Caracterização sobre agressividade e comportamentos agressivos

2.1 – Como define a agressividade das crianças em idade pré-escolar?

Resposta: Bem, a agressividade das crianças em idade pré-escolar... Eu acho que se pode falar de agressividade, mas em moldes diferentes daqueles que se fala na adolescência e em idade adulta. Porque, as crianças nesta

idade, entre os 3 e os 6 anos, são agressivas no sentido que reagem a um estímulo. Pronto, reagem a um estímulo e é nesse momento que eles ou batem, ou mordem ou empurram, ou tem qualquer outro tipo de agressividade. Mas é momentâneo, é uma coisa momentânea e que depois acaba por ser ultrapassado.

2.2 – Tendo em conta situações do quotidiano escolar, de onde podem emergir os comportamentos agressivos das crianças?

Resposta: Dentro da própria escola podem emergir de diversas situações. Ou porque a criança quer um brinquedo, da disputa dos brinquedos, ou porque quer falar primeiro do que o colega, ou porque quer sentar-se no sitio onde outro colega se senta. E isso, por vezes eles acabam por reagir assim, “Ah eu estava primeiro com a boneca”, ou porque querem a mesma boneca, depois ou não fazem nada e choram ou então empurram, ou batem. Tomam esse tipo de atitudes ali por disputas, às vezes, do próprio desenrolar da atividade, do desenrolar deles próprios ou dentro da sala, ou no recreio. O que se vê mais no recreio do que dentro da sala, porque eles na sala estão mais orientados e acabam por não ter esse tipo de atitudes. Porque eles ainda são um bocadinho, apesar de já terem passado a fase egocentrismo, egocêntricos. E estão a fazer a socialização, se bem que se diz que aos 3 anos eles devem estar a iniciar a socialização, ainda sentem muito as coisas como “é meu, é meu e é meu” e não partilham. Depois, isso leva a essas disputas. Acho que é mais ou menos por aí.

2.3 - Na sua opinião, a que fatores pode atribuir o aparecimento de comportamentos agressivos nesta idade?

Resposta: Eu penso que os fatores serão sempre exteriores. Eu penso que a própria escola não será um fator que pode desencadear esse tipo de atitudes. Poderá ser por “feitio”, poderá ser por, sei lá, por motivações ou pela “educação” que eles tem em casa, ou pelos exemplos que eles seguem em casa (com a família, se calhar quer com a família parental quer com a família mais alargada, com tios, com primos, com avós). E, por vezes, eles ou fazem isso por imitação, porque veem, ou fazem isso na tentativa de uma chamada

de atenção, ou porque tem pouca atenção em casa, ou porque às vezes os pais também não tem muito tempo e acabam por compensá-los deixando-os fazer aquilo que eles querem, cedendo muitas vezes nisso. Eles depois usam isso, como chamadas de atenção. Acho que passa mais ou menos por aí.

3- Estratégias que o educador concebe para evitar e atenuar os comportamentos agressivos das crianças

3.1 - Existem crianças agressivas na sala em que trabalha? Quantas?

Resposta: É assim, eu dentro da sala, “agressivos agressivos”, no sentido de fazerem as coisas já com uma certa maldade, não tenho. Eu tenho um menino, mas ele só tem três anos e também passa por aí, que se defende sempre da mesma maneira, que é a morder. Ele crava os dentes, fazendo mesmo ferida, mas lá está, eu acho que ele em casa, quando é contrariado morde. Portanto, não se pode considerar um grau de agressividade, mas quer dizer, mas é um comportamento desviante. Porque ele quando é contrariado morde. Pronto, é só essa criança que acaba por deixar marcas e às vezes é complicado, porque os outros pais não gostam que isso aconteça. Em relação aos mais velhos, é o bater, já não mordem, o empurrar, ou “ele tirou-me este brinquedo”. Claro que há alguns que não se sabem “defender”, que são sossegados e acabam por estar no cantinho deles e que não reagem e há outros que reagem, que acabam por reagir mais, ou por feitio, ou porque estão mais habituados a reagir quando alguma coisa não lhes corre bem. Mas nada assim preocupante.

3. 2 – De um modo geral, as crianças mais agressivas são do sexo masculino ou feminino?

Resposta: Eu acho, que de um modo geral, são de ambos os sexos. Pela experiência que tenho tido, penso que agora como a sociedade está, que tanto há crianças agressivas do sexo feminino como do sexo masculino. Porque tanto elas como eles defendem-se, basicamente, da mesma maneira.

3.3 – Tendo em conta as crianças referidas como agressivas, exemplifique alguns casos/situações de agressividade com que se tenha deparado.

Resposta: Dessa criança, por exemplo, levar outra mordidela. Portanto, ele mordeu a uma criança, por acaso a outra criança é da mesma idade e também morde, também tem o mesmo comportamento e mordeu-lhe. Ele chorou muito e acho que ele aí aprendeu um bocadinho, daquilo que os outros sentem quando ele morde. É como “olho por olho, dente por dente”. Nós não o conseguimos controlar, porque não sabemos quando é que ele vai morder. Ele mordeu nesse miúdo e o miúdo, imediatamente, faz-lhe o mesmo. E ele aí já não gostou e chorou, chorou muito. Eu acho que ele aprendeu a lição, vamos lá ver...

3.3.1 – Que estratégias concebeu para atenuar esses comportamentos?

Resposta: Eu vou ser sincera... é assim, esse miúdo tem 3 anos, como disse, tem um atraso global no desenvolvimento, portanto ele fala muito pouco, ainda usa fralda. A idade mental dele talvez esteja aí nos 2 anos, apesar dele cronologicamente ter 3. E, o estar a explicar a essa criança que não se deve morder, que não se deve fazer isso aos amigos, que são todos amigos, ele ainda não tem maturidade para entender isso. Por isso, passa um bocado por ou nós estarmos muito atentas quando ele vai fazer, porque ele não tem entendimento para saber que isso não deve fazer, ele não entende, ou então por dizer aos outros meninos, mesmo, para quando ele chegar ao pé deles eles se afastarem, mas não se afastarem por estar, por nenhum motivo em especial. Mas só, para prevenir que ele não morda. Eles próprios, os outros mais velhos, já tem ali um esquema montado, que quando ele se aproxima... eles brincam com ele na mesma, tomam conta dele e tudo, só que quando ele se aproxima com os dentes, eles afastam-no, mas sem magoar. Porque lá está, não há nenhuma estratégia para se dizer a um menino assim, que não se deve morder. Porque, eu digo-lhe que não se deve morder, que são todos amigos, só que isso com ele não funciona, porque passado 2 minutos ele já se esqueceu. Até porque, aquilo é um ato parece que mecânico, da parte dele e repetitivo. Ele “é contrariado, morde”, “é contrariado, morde”. Não se arranja outra estratégia.

3.3.2 – Posteriormente, que estratégias concebeu para prevenir o surgimento de novos comportamentos agressivos?

Resposta: Já referiu na resposta anterior.

3.4 – Considera que existem situações em que a agressividade das crianças possa ser uma reação positiva? Em que medida?

Resposta: É assim, agressividade, no sentido de agressividade, eu acho que não. Agora, eu acho que todas as crianças devem ser preparadas para situações de risco e para se poderem defender em qualquer um dos casos. Não é dizer, como dizem muitos pais, “ele bateu-te, bate-lhe”, não é essa a questão mas, de qualquer maneira, acho que se deve inculcar algumas, mesmo dentro das normas e das regras, a defesa, para que haja cada vez menos agressividade e esses comportamentos agressivos, tanto para os agressores, como para a “vítima”. Não falamos daquela agressividade no sentido mesmo, mas deles arranjam estratégias para se defenderem, sem sendo agredindo, claro.

3.5 – De um modo geral, quando uma criança é agressiva com outra, que estratégias utiliza para atenuar esse comportamento?

Resposta: Pois, as estratégias... Com crianças pequenas, tem de se atuar no momento. Porque é assim, se vem dizer “ai o A bateu no B” há meia hora, já não resulta, porque ele já se esqueceu, já passou. Agora, se eu vejo uma criança ser agressiva com outra, pronto, o que é que eu faço, “agora vais parar um bocadinho, vais parar um bocadinho, vais-te sentar e vais pedir desculpa porque não se bate ou não se faz isso”, no momento atua-se assim, pronto. E a criança está sentada 2 minutos, também porque passado 10 também já não se lembra porque que é que está sentado. Mas no momento, proto, fazer-lhe entender que “agora páras um bocadinho e pedes desculpa, porque fizeste uma coisa que não se faz”, mas tem de ser no momento, é como digo. E depois, há toda uma estratégia na sala, as regras, as normas que eles vão interiorizando e que vai sendo isso que também os vais tornar, depois crianças mais calmas. As regras “o não bater”, que eles sabem. Eles

vão interiorizando isso. E se todos os dias se fala um bocadinho nisso, eles acabam por acalmar um bocadinho, mas às vezes não resulta.

3.6 – Tendo em conta as características das crianças com que trabalha, que estratégias considera mais eficazes para prevenir a ocorrência de comportamentos agressivos entre elas?

Resposta: Como já referi, acho que é atuando no momento, quando eles fazem. E depois, trabalhando muito dentro da sala a “não violência” ou a “não agressividade”. Tentando arranjar estratégias para eles serem mais amigos, para serem mais responsáveis, a socialização, saber partilhar. Porque, lá está, é nessas disputas que eles, às vezes, arranjam os conflitos e tentando que eles próprios consigam gerir os conflitos que vão aparecendo, com a nossa ajuda claro.

3.7 – Relativamente à instituição educativa, considera que pode ter algum papel na prevenção dos comportamentos agressivos? De que modo?

Resposta: Nós...Eu acho que todas as pessoas podem e devem ter um papel nessa prevenção. E devemos começar pelos nossos filhos, em casa, acho que em casa deve-se começar por tentar prevenir isso. E, depois ir alargando. E, também pensar que fazemos parte de uma comunidade educativa, e que não são só os meninos que estão connosco na sala, que nós devemos atuar. Se estivermos na escola, por exemplo e houver alunos de outros níveis de ensino, por exemplo, que tenham também atitudes agressivas, nós também temos um papel nisso, podendo atuar ou falar. E a própria escola, eu acho que todas as pessoas que trabalham na escola devem ter um papel fundamental nisso, principalmente trabalhando com os pais, para que cada vez haja menos agressividade. Mas já estou a falar, depois, nas idades mais avançadas. Porque os nossos pequenos, depois também crescem, eles também crescem, E se tiverem umas boas bases, como se costuma dizer “de pequeno é que se torce o pepino”, eles depois também vão crescer dentro desse valores. Eu acho que é o mais importante, é eles terem valores, serem pessoas bem formadas. Porque se forem pessoas bem formadas, não tem esse tipo de atitudes, não tem frustrações. E, saberem ouvir um “não”.

Anexo VIII – Quadro 1 - Análise dos dados da amostra

Bloco 1 – Caracterização da amostra						
Objetivo	Questões do guião da entrevista	Respostas				
		Educadora A	Educadora B	Educadora C	Educadora D	Educadora E
- Caracterizar a amostra selecionada	- Sexo	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino
	- Idade	55 anos	41 anos	48 anos	59 anos	47 anos
	- Exerce num JI de cariz público ou privado?	Público	Privado	Privado	Público	Público
	- Anos de exercício	35 anos	20 anos	26 anos	34 anos	25 anos
	- Quais as faixas etárias com que trabalha?	3, 4 e 5 anos	3 e 4 anos	3 anos	3, 4 e 5 anos	3, 4 e 5 anos

Anexo IX – Quadro 2 (Bloco 2) Caracterização sobre agressividade e comportamentos agressivos

Questões do guião da entrevista	Respostas				
	Educadora A	Educadora B	Educadora C	Educadora D	Educadora E
- Como define a agressividade das crianças em idade pré-escolar	- Dificuldade em definir as crianças em idade pré-escolar como agressivas; - Os comportamentos agressivos da criança são chamadas de atenção, de que algo não está bem com ela.	- São comportamentos, atitudes e ações que as crianças têm em relação a outras crianças, a objetos da sala no meio escolar e até para com os adultos.	- É um ato inocente, sem maldade; - Diferente da agressividade dos adultos.	(Não respondeu à questão, nem de forma direta nem indireta, apenas fez referências)	. É a reação a um estímulo. Reagem a um estímulo e é nesse momento que ou batem, ou mordem, ou tem qualquer tipo de agressividade. É momentâneo.
- De onde podem emergir os comportamentos agressivos das crianças?	- Não compreensão do contexto escolar; - Do contexto em que a criança está inserida;	- Dificuldade de se afirmar; - Não estar habituada a estar com outras	- Da disputa de brinquedos; - Da recusa ao cumprimento das	- Da disputa de materiais; - Desmanchar de uma brincadeira;	- Da disputa de brinquedos; - Do desenrolar deles próprios e das

	<ul style="list-style-type: none"> - Da história da criança; - Incumprimento das regras; 	crianças no meio escolar.	regras da sala.	<ul style="list-style-type: none"> - Competição de uma corrida ou jogo; 	atividades, principalmente, no recreio.
<ul style="list-style-type: none"> - A que fatores pode atribuir o aparecimento de comportamentos agressivos nesta idade 	<ul style="list-style-type: none"> - A fatores de ordem interna: perturbações de audição, quando associadas a dores instáveis, p.e.; - Reações da criança 	<ul style="list-style-type: none"> - Baixa resistência à frustração; - Não saber os seus limites; - Não ter regras; - Não gostar de ser contrariada; - Ter qualquer coisa que a incomode. 		<ul style="list-style-type: none"> - Convivência com crianças não tão passivas nem compreensivas. 	<ul style="list-style-type: none"> - o próprio feitio; - Motivações; - A educação; - Imitação de comportamentos de familiares;

Anexo X – Quadro 3 – (Bloco 3) Estratégias que o educador concebe para evitar e atenuar os comportamentos agressivos das crianças

Questões do guião da entrevista	Respostas				
	Educadora A	Educadora B	Educadora C	Educadora D	Educadora E
- Existem crianças agressivas na sala em que trabalha? Quantas?	- Não. - Existem algumas crianças que tem comportamentos menos estáveis e mais provocadores.	- Sim, duas ou três.	- Não	- Sim, duas.	- Não. - Tenho apenas uma criança que se defende da mesma maneira, morde. .
- De um modo geral, as crianças mais agressivas são do sexo masculino ou feminino?	- Atualmente, não há grande diferença entre sexos. Embora os rapazes não sejam tão conflituosos quanto as meninas.	- Masculino.	- Masculino.	- Masculino.	- Ambos os sexos.

	- Os rapazes praticam uma agressividade mais física, as raparigas, praticam uma agressividade mais psicológica.				
<p>- Que estratégias concebeu para atenuar esses comportamentos?</p> <p>(Na questão anterior a esta, as educadoras contaram um episódio que vivenciaram de agressividade com determinada criança)</p>	<p>- Importância do contacto físico: agarrá-lo, abraçá-lo no sentido que ela perceba “eu estou aqui”;</p> <p>- Realização de atividades: jogo dos picos, plasticina, barro;</p> <p>- Conversa com as crianças sobre os seus comportamentos e sobre as regras;</p>	<p>- Falar com as crianças;</p> <p>- Explicar-lhes o que devem e não devem fazer;</p> <p>- Criar jogos e brincadeiras;</p> <p>- Separá-los, em determinadas atividades, das crianças com que apresentavam esses comportamentos.</p>	<p>- Tentar antecipar, para evitar as situações conflituosas;</p> <p>- Desvio dos centros de interesse.</p>	<p>- Falar com a criança agressiva;</p> <p>- Fazê-la pensar na atitude que teve, refletir;</p> <p>- Fazê-la pedir desculpa.</p>	<p>- Estar com atenção;</p> <p>- Alertar as crianças, do problema de determinada criança (que morde);</p> <p>- Conversar com a criança.</p>

<p>- Que estratégias concebeu para prevenir o surgimento de novos comportamentos agressivos?</p>	<p>- Conversa com as crianças sobre os seus comportamentos e sobre as regras; - Não colocação de rótulos</p>	<p>- Estabelecimento de regras claras.</p>	<p>- Falar com as crianças, para que não voltassem a apresentar comportamentos agressivos; - Realização de jogos de entreajuda, de confiança e de cooperação entre as crianças.</p>	<p>- Pensar na vida.</p>	<p>- Estar com atenção; - Alertar as crianças, do problema de determinada criança (que morde);</p>
<p>- Considera que existem situações em que a agressividade das crianças possa ser uma reação positiva?</p>	<p>- Sim</p>	<p>- Não</p>	<p>- Sim</p>	<p>- Não</p>	<p>- Não.</p>
<p>- Quando uma criança é agressiva com outra,</p>	<p>- Chamar à atenção; - Retirar a criança do</p>	<p>- Falar com a criança agressiva;</p>	<p>- Falar com as crianças; - Demovê-las com</p>	<p>- Conversar com as crianças;</p>	<p>- Atuar no momento; - Parar a atividade da</p>

<p>que estratégias utiliza para atenuar esse comportamento?</p>	<p>grande grupo; - Realização de atividades nas áreas; - A criança é colocada num local diferente do escolhido por si; - Pedido de desculpas.</p>	<p>- Tentar perceber o motivo de tal comportamento; - Explicar a importância do pedido de desculpas; - Estar atenta; - Se os comportamentos persistirem, falar com os pais, para que em conjunto se tente ajudar a criança;</p>	<p>palavras.</p>	<p>- Pensar no que fez de mal, refletir; - Pedir desculpa.</p>	<p>criança, sentá-la e fazê-la pedir desculpa; - As regras;</p>
<p>- Tendo em conta as características das crianças com que trabalha, estratégias considera mais eficazes para prevenir a ocorrência de comportamentos</p>	<p>- Promover a criança, ouvindo-a, dando-lhe responsabilidades e tarefas para realizar; - Ocupação da criança com atividades; - No recreio, perceber se há materiais</p>	<p>- Estabelecer regras de convivência nos diferentes espaços</p>	<p>- Antecipação. Antecipar os comportamentos agressivos.</p>	<p>- Organização dos materiais.</p>	<p>- Atuar no momento; - Trabalhar “a não violência” na sala; - Arranjar estratégias para serem mais amigos, para saberem partilhar</p>

agressivos entre elas?	disponíveis para todos ou não; - Os espaços, os tempos e os materiais estarem organizados - Motivar a criança para uma atividade.				
- Relativamente à instituição educativa, considera que pode ter algum papel na prevenção dos comportamentos agressivos?	- Sim, com: - Criação de condições nos espaços escolares, que demovam a ocorrência desses comportamentos; - Apoios psicológicos, educação especial, terapias da fala e terapias ocupacionais; - Falta de adultos na escola.	- Sim, embora os casos que tem surgido sejam casos pontuais que não exigem a participação da instituição.	- Sim, Até à data não surgiram casos que exigissem medidas extremas de intervenção da instituição. São casos pontuais, que são resolvidos na hora.	- Sim, com: - Criação das regras, definidas pelas crianças, com o que podem ou não fazer.	- Sim, todas as pessoas da comunidade educativa devem ter um papel de prevenção;